



## Max Weber

### A ética protestante e o "espírito" do capitalismo Cem anos depois

#### Editorial

Uma das obras clássicas para entender a sociedade moderna foi escrita há cem anos, mais precisamente em 1904/1905, por Max Weber e intitula-se **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Que coisa é, de fato, o Ocidente ou a modernidade senão, antes de tudo, a civilização da racionalidade científica, econômica e tecnológica? E esta racionalidade, como nos ensina Max Weber no seu livro centenário, não se realizou em nenhuma outra cultura do planeta, mesmo quando estavam presentes todas as outras condições materiais, porque somente no Ocidente vigorava a tradição judaico-cristã. Como recorda Gianni Vattimo no seu livro **Dopo la cristianità. Per un Cristianismo non religioso**, Roma: Garzanti, 2002, "o monoteísmo é a condição para pensar a natureza sob a perspectiva unitária de uma ciência física, base indispensável do domínio tecnológico da natureza; a ética cristã, sobretudo protestante, é a condição para conceber o trabalho, a poupança, o sucesso econômico, como imperativos religiosos e, portanto, capazes de suscitar um empenho profundo e total".

O **IHU On-Line** desta semana quer contribuir na discussão deste livro clássico, perguntando se as intuições de Weber podem nos ajudar a entender a nossa sociedade, hoje. Para isso entrevistamos estudiosos de diferentes partes.

Após a leitura deste boletim, nos veio a pergunta que compartilhamos com os leitores: Após e para além de Max Weber, mas não necessariamente em oposição a ele, não valeria a pena discutir a tese, recentemente proposta, que também o moderno consumismo - que dificilmente se pode inscrever na "austera" visão weberiana do capitalismo como efeito da ética calvinista - é resultado de uma secularização do núcleo cristão?. A leitura e a discussão do livro de Colin Campbell, **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**, Rio de Janeiro: Record, 2001, pode ser uma indicação para uma futura pauta da nossa publicação semanal.

*Queremos agradecer de maneira especial ao nosso colega prof. Dr. Renato Saul, professor do PPG de Ciências Sociais Aplicadas, que nos assessorou na preparação da pauta desta edição.*

*Uma ótima leitura para todos e uma excelente semana!*

## **MAX WEBER – VIDA E OBRA**

*IHU On-Line fez uma síntese sobre a vida e a obra de Max Weber. As informações foram retiradas dos sítios [www.antroposmoderno.com/biografias/Weber.html](http://www.antroposmoderno.com/biografias/Weber.html), [http://pt.wikipedia.org/wiki/Max\\_Weber](http://pt.wikipedia.org/wiki/Max_Weber), e [www.culturabrasil.pro.br/weber.htm](http://www.culturabrasil.pro.br/weber.htm). Elas foram extraídas, basicamente, da introdução do livro de Max Weber *Textos selecionados*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 2.ed. (Coleção Os pensadores). Seleção, consultoria e traduções de Maurício Tragtenberg. Essa introdução também foi escrita por Maurício Tragtenberg, grande estudioso e autodidata brasileiro, que pesquisou, estudou e escreveu sobre Weber durante sua vida, encerrada em 1998. Tragtenberg escreveu diversos artigos sobre Weber. Ele é autor de *Planificação: Desafio do século XX*. São Paulo: Senzala, 1967; *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática, 1974; e *Administração, poder e ideologia*. São Paulo: Editora Moraes, 1980.*

Maximillion Weber nasceu em Erfurt, em 21 de abril de 1864. Pelo pai, que foi deputado do Partido Nacional Liberal, Weber teve oportunidade de entrar bem cedo em contato com ilustres historiadores, filósofos e juristas da época. Estudou história, economia e direito nas universidades de Heidelberg e Berlim. Laureou-se em Göttingen, em 1889, com uma tese de história econômica sobre a História das sociedades comerciais na Idade Média. Em 1892, conseguiu a livre docência com *A história agrária romana em seu significado para o direito público e privado*. Em 1894, tornou-se professor de economia política na Universidade de Freiburg. Em 1896, passou a ensinar em Heidelberg.

Era o mais velho dos 7 filhos de Max Weber e sua mulher Helene. Ele foi, juntamente com Karl Marx, Vilfredo Pareto e Emile Durkheim um dos modernos fundadores da sociologia. É conhecido sobretudo pelo seu trabalho sobre a sociologia da religião.

De 1897 a 1903, sua atividade científica e didática ficou bloqueada por causa de grave doença nervosa. Nesse meio tempo, em 1902, juntamente com Werner Sombart, tornara-se co-diretor da prestigiosa revista *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik*. Em 1904, realizou viagens aos Estados Unidos. Durante a Primeira Guerra Mundial, defendeu as "razões ideais" da "guerra alemã" e prestou serviço como diretor de hospital militar. Seguiu, com angustiada preocupação, a ruína moral e cultural da Alemanha, jogada pelo Imperador e por seus ministros no beco sem saída da pura política de poder. Depois da guerra, participou da redação da Constituição da República de Weimar. Morreu em 14 de junho de 1920, em Munique, para onde fora chamado, a fim de ensinar economia política.

A obra de Weber, complexa e profunda, constitui um monumento da compreensão dos fenômenos históricos e sociais e, ao mesmo tempo, da reflexão sobre o método das ciências histórico-sociais.

Historiador, sociólogo, economista e político, Weber trata dos problemas metodológicos com a consciência das dificuldades que emergem do trabalho efetivo do historiador e do sociólogo, mas sobretudo com a competência do historiador, do sociólogo e do economista. Crítico da "escola história" da economia (Roscher, Knies e Hildebrandt), Weber reivindica, contra ela, a autonomia lógica e teórica da ciência, que não pode se submeter a entidades metafísicas, como

o "espírito do povo" que Savigny, nas pegadas de Hegel, concebia como criador do direito, dos sistemas econômicos, da linguagem e assim por diante. Para Weber, o "espírito do povo" é produto de inumeráveis variáveis culturais e não o fundamento real de todos os fenômenos culturais de um povo.

Por outro lado, o pensamento de Weber caracteriza-se pela crítica ao materialismo histórico, que dogmatiza e petrifica as relações entre as formas de produção e de trabalho (a chamada "estrutura") e as outras manifestações culturais da sociedade (a chamada "superestrutura"), quando, na verdade, se trata de uma relação que, a cada vez, deve ser esclarecida segundo a sua efetiva configuração. E, para Weber, isso significa que o cientista social deve estar pronto para o reconhecimento da influência que as formas culturais, como a religião, por exemplo, podem ter sobre a própria estrutura econômica.

De importância extrema, Max Weber escreveu a ***Ética protestante e o espírito do Capitalismo***. Este é um ensaio fundamental sobre as religiões e a afluência dos seus seguidores. Subjacente a Weber está a realidade econômica da Alemanha do princípio do séc. XX.

Significante, também, é o ensaio de Weber sobre a política como vocação. Weber postula ali a definição de estado que se tornou essencial no pensamento da sociedade ocidental: que o estado é a entidade que possui o monopólio do uso legítimo da ação coerciva. A política deverá ser entendida como qualquer atividade em que o estado tome parte, de que resulte uma distribuição relativa da força.

A política obtém assim a sua base no conceito de poder e deverá ser entendida como a produção do poder. Um político não deverá ser um homem da "verdadeira ética católica" (entendida por Weber como a ética do sermão da montanha, ou seja, oferece a outra face). Um defensor de tal ética deverá ser entendido como um santo (na opinião de Weber esta visão só será recompensadora para o santo e para mais ninguém). A esfera da política não é um mundo para santos. O político deverá esposar a ética dos fins últimos e a ética da responsabilidade, e deverá possuir paixão pela sua atividade e a capacidade de se distanciar dos sujeitos da sua governação (os governados).

Essencial na sua análise das doutrinas da fé, é a confiança na "magia" em sermões e na fé em geral. Muito resumidamente, os protestantes tornaram-se ricos porque não têm nenhuma mão mágica que os leve para o céu. Os protestantes têm de trabalhar constantemente e de forma consistente para assegurar um lugar no céu. Por outro lado, os católicos invocam muitos rituais mágicos, cânticos encantados, um pouco de água e uma reza tipo Abracadabra. E logo as almas dos crentes ficam purificadas para a ascensão ao céu.

Ele também é conhecido pelo seu estudo da burocratização da sociedade. No seu trabalho, Weber delinea a famosa descrição da burocratização como uma mudança da organização baseada em valores e ação (a chamada autoridade tradicional) para uma organização orientada para os objetivos e ação (chamada legar-racional). O resultado, segundo Weber, é uma "noite polar de frio glacial" na qual a crescente burocratização da vida humana o coloca numa gaiola de metal de regras e de controlo racional.

Max Weber morreu de pneumonia em Munique, Alemanha, a 14 de Junho de 1920. Seus seguidores foram Ernest Gellner e David Landes

A família de Max Weber definia-se pelo protestantismo. Os antepassados de seu pai foram refugiados luteranos do Império Austríaco que se instalaram em Bielefeld e se tornaram importantes comerciantes de tecidos.

### O capitalismo é protestante?

As soluções encontradas por Weber para os intrincados problemas metodológicos que ocuparam a atenção dos cientistas sociais do começo do século XX, permitiram-lhe lançar novas luzes sobre vários problemas sociais e históricos, e fazer contribuições extremamente importantes para as ciências sociais. Particularmente relevantes nesse sentido foram seus estudos sobre a sociologia da religião, mais exatamente suas interpretações sobre as relações entre as idéias e atitudes religiosas, por um lado, e as atividades e organização econômicas correspondentes, por outro.

Esses estudos de Weber, embora incompletos, foram publicados nos três volumes de sua *Sociologia da Religião*. A linha mestra dessa obra é constituída pelo exame dos aspectos mais importantes da ordem social e econômica do mundo ocidental, nas várias etapas de seu desenvolvimento histórico. Esse problema já se tinha colocado para outros pensadores anteriores a Weber, dentre os quais Karl Marx (1818-1883), cuja obra, além de seu caráter teórico, constituía elemento fundamental para a lufa econômica e política dos partidos operários. Por essas razões, a pergunta que os sociólogos alemães se faziam era se o materialismo histórico formulado por Marx era ou não o verdadeiro, ao transformar o fator econômico no elemento determinante de todas as estruturas sociais e culturais, inclusive a religião. Inúmeros trabalhos foram escritos para resolver o problema, substituindo-se o fator econômico como dominante por outros fatores, tais como raça, clima, topografia, idéias filosóficas, poder político. Alguns autores, como Wilhelm Dilthey, Ernst Troeltsch (1865-1923) e Werner Sombart (1863-1941), já se tinham orientado no sentido de ressaltar a influência das idéias e das convicções éticas como fatores determinantes, e chegaram à conclusão de que o moderno capitalismo não poderia ter surgido sem uma mudança espiritual básica, como aquela que ocorreu nos fins da Idade Média. Contudo, somente com os trabalhos de Weber foi possível elaborar uma verdadeira teoria geral capaz de confrontar-se com a de Marx.

A primeira idéia que ocorreu a Weber na elaboração dessa teoria foi a de que, para conhecer corretamente a causa ou as causas do surgimento do capitalismo, era necessário fazer um estudo comparativo entre as várias sociedades do mundo ocidental (único lugar em que o capitalismo, como um tipo ideal, tinha surgido) e as outras civilizações, principalmente as do Oriente, onde nada de semelhante ao capitalismo ocidental tinha aparecido. Depois de exaustivas análises nesse sentido, Weber foi conduzido à tese de que a explicação para o fato deveria ser encontrada na íntima vinculação do capitalismo com o protestantismo: “Qualquer observação da estatística ocupacional de um país de composição religiosa mista traz à luz, com notável freqüência, um fenômeno que já tem provocado repetidas discussões na imprensa e literatura católicas e em congressos católicos na Alemanha: o fato de os líderes do mundo dos negócios e proprietários do capital, assim como os níveis mais altos de mão-de-obra qualificada, principalmente o pessoal técnica e comercialmente especializado das modernas empresas, serem preponderantemente protestantes”.

A partir dessa afirmação, Weber coloca uma série de hipóteses referentes a fatores que poderiam explicar o fato. Analisando detidamente esses fatores, Weber elimina-os, um a um, mediante exemplos históricos, e chega à conclusão final de que os protestantes, tanto como classe dirigente, quanto como classe dirigida, seja como maioria, seja como minoria, sempre teriam demonstrado tendência específica para o racionalismo econômico. A razão desse fato deveria, portanto, ser buscada no caráter intrínseco e permanente de suas crenças religiosas e não apenas em suas temporárias situações externas na história e na política.

Uma vez indicado o papel que as crenças religiosas teriam exercido na gênese do espírito capitalista, Weber propõe-se a investigar quais os elementos dessas crenças que atuaram no sentido indicado e procura definir o que entende por "espírito do capitalismo". Este é entendido por Weber como constituído fundamentalmente por uma ética peculiar, que pode ser exemplificada muito nitidamente por trechos de discursos de Benjamin Franklin (1706 - 1790), um dos líderes da independência dos Estados Unidos. Benjamin Franklin, representante típico da mentalidade dos colonos americanos e do espírito pequeno-burguês, afirma em seus discursos que "ganhar dinheiro dentro da ordem econômica moderna é, enquanto isso for feito legalmente, o resultado e a expressão da virtude e da eficiência de uma vocação". Segundo a interpretação dada por Weber a esse texto, Benjamin Franklin expressa um utilitarismo, mas um utilitarismo com forte conteúdo ético, na medida em que o aumento de capital é considerado um fim em si mesmo e, sobretudo, um dever do indivíduo. O aspecto mais interessante desse utilitarismo residiria no fato de que a ética de obtenção de mais e mais dinheiro é combinada com o estrito afastamento de todo gozo espontâneo da vida.

A questão seguinte colocada por Weber diz respeito aos fatores que teriam levado a transformar-se em vocação uma atividade que, anteriormente ao advento do capitalismo, era, na melhor das hipóteses, apenas tolerada. O conceito de vocação como valorização do cumprimento do dever dentro das profissões seculares Weber encontra expresso nos escritos de Martinho Lutero (1483-1546), a partir do qual esse conceito se tornou o dogma central de todos os ramos do protestantismo. Em Lutero, contudo, o conceito de vocação teria permanecido em sua forma tradicional, isto é, algo aceito como ordem divina à qual cada indivíduo deveria adaptar-se. Nesse caso, o resultado ético, segundo Weber, é inteiramente negativo, levando à submissão. O luteranismo, portanto, não poderia ter sido a razão explicativa do espírito do capitalismo.

Weber volta-se, então, para outras formas de protestantismo diversas do luteranismo, em especial para o calvinismo e outras seitas, cujo elemento básico era o profundo isolamento espiritual do indivíduo em relação a seu Deus, o que, na prática, significava a racionalização do mundo e a eliminação do pensamento mágico como meio de salvação. Segundo o calvinismo, somente uma vida guiada pela reflexão contínua poderia obter vitória sobre o estado natural, e foi essa racionalização que deu à fé reformada uma tendência ascética.

Com o objetivo de relacionar as idéias religiosas fundamentais do protestantismo com as máximas da vida econômica capitalista, Weber analisa alguns pontos fundamentais da ética calvinista, como a afirmação de que "o trabalho constitui, antes de mais nada, a própria finalidade da vida". Outra idéia, no mesmo sentido, estaria contida na máxima dos puritanos, segundo a qual "a vida profissional do homem é que lhe dá uma prova de seu estado de graça para sua consciência, que se expressa no zelo e no método, fazendo com que ele consiga cumprir sua vocação". Por meio desses exemplos, Weber mostra que o ascetismo secular do protestantismo "libertava psicologicamente a aquisição de bens da ética tradicional, rompendo os grilhões da ânsia de lucro, com o que não apenas a legalizou, como também a considerou como diretamente desejada por Deus". Em síntese, a tese de Weber afirma que a consideração do trabalho (entendido como vocação constante e sistemática) como o mais alto instrumento de ascese e o mais seguro meio de preservação da redenção da fé e do homem deve ter sido a mais poderosa alavanca da expressão dessa concepção de vida constituída pelo espírito do capitalismo.

É necessário, contudo, salientar que Weber, em nenhum momento, considera o espírito do capitalismo como pura consequência da Reforma protestante. O sentido que norteia sua análise é, antes, uma proposta de investigarem que medida as influências religiosas participaram da moldagem qualitativa do espírito do capitalismo. Percorrendo o caminho inverso, Weber

propõe-se também a compreender melhor o sentido do protestantismo, mediante o estudo dos aspectos fundamentais do sistema econômico capitalista. Tendo em vista a grande confusão existente no campo das influências entre as bases materiais, as formas de organização social e política e os conteúdos espirituais da Reforma, Weber salientou que essas influências só poderiam ser confirmadas por meio de exaustivas investigações dos pontos em que realmente teriam ocorrido correlações entre o movimento religioso e a ética vocacional. Com isso, “se poderá avaliar” - diz o próprio Weber – “em que medida os fenômenos culturais contemporâneos se originam historicamente em motivos religiosos e em que medida podem ser relacionados com eles”.

## CRONOLOGIA

- 21 de Abril de 1864** - Max Weber nasce em Erfurt. Os pais são o jurista e mais tarde deputado do parlamento imperial (Reichstag) pelo partido nacional-liberal, Max Weber e Helene (nascida na família Fallenstein).
- 1869** - Muda-se para Berlim com a família.
- 1882-1886** - Estudos de Direito, Economia Nacional, Filosofia e História.
- 1883** - Transfere-se para Estrasburgo, onde presta um ano de serviço militar.
- 1884** - Reinicia os estudos universitários.
- 1888** - Conclui seus estudos e começa a trabalhar nos tribunais de Berlim.
- 1889** - Escreve sua tese de doutoramento sobre a história das companhias de comércio durante a Idade Média.
- 1891** - Escreve a tese *A História das Instituições Agrárias*.
- 1892** - Habilitação em direito canônico romano e direito comercial (em Berlim).
- 1893** - Casamento com Marianne Schnitger (1870 - 1954), que será, mais tarde, ativista pelos direitos da mulher e socióloga.
- 1894** - É chamado para ser professor da cadeira de Economia Nacional na Universidade de Freiburg em Breisgau
- 1897** - Professor de Economia Nacional na Universidade de Heidelberg.
- 1898** - Consegue uma licença remunerada na universidade, por motivo de saúde.
- 1899** - É internado numa casa de saúde para doentes mentais, onde permanece algumas semanas.
- 1903** - Participa, junto com Sombart, da direção de uma das mais destacadas publicações de ciências sociais da Alemanha.
- 1904** - Atividade redatorial. Publica ensaios sobre os problemas econômicos das propriedades dos Junker, sobre a objetividade nas ciências sociais e a primeira parte de ***A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo***.
- 1905** - Parte para os Estados Unidos, onde pronuncia conferências e recolhe material para a continuação de ***A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo***.
- 1906** - Redige dois ensaios sobre a Rússia: *A Situação da Democracia Burguesa na Rússia e A Transição da Rússia para o Constitucionalismo de Fachada*.
- 1909** - É co-fundador da sociedade Alemã de Sociologia.
- 1914** - Início da Primeira Guerra Mundial. Weber, no posto de capitão, é encarregado de organizar e administrar nove hospitais em Heidelberg.
- 1917** - Nos Colóquios de Lauenstein, apela para a continuação da guerra, ao mesmo tempo defendendo o retorno ao parlamentarismo
- 1918** - Co-fundador do partido democrático alemão (DDP). Transfere-se para Viena, onde dá um curso sob o título de *Uma Crítica Positiva da Concepção Materialista da História*.

1919 - Convocado como conselheiro para a delegação alemã na conferência do contrato de Versailhes. Pronuncia conferências em Munique, que serão publicadas sob o título de *História Econômica Geral*.

14 de Junho de 1920 - Max Weber faleceu em Munique, em consequência de uma pneumonia aguda.

## EM DEFESA DA PLURALIDADE E DA MULTICAUSALIDADE

### Entrevista com Antônio Flávio Pierucci

Antônio Flávio de Oliveira Pierucci é um dos entrevistados da edição que celebra os 100 anos de “A ética protestante e o espírito do capitalismo” de Max Weber. Pierucci é professor na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas do Departamento de Sociologia da USP, em São Paulo. Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), é mestre em Ciências Sociais pela PUCSP, e sua dissertação teve o título **Igreja Católica e Reprodução Humana no Brasil**. O professor também é doutor em Sociologia pela USP, tendo sua tese o título **Democracia, Igreja e voto: o envolvimento do clero católico na eleição de 1982**, e livre docente pela USP, com a tese **Desencantamento do mundo: os passos do conceito em Max Weber**. Esse trabalho transformou-se no livro **O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber**. São Paulo: Editora 34, 2003. O professor também é autor de, entre outros, **Igreja: contradições e acomodação**. São Paulo: Brasiliense / Cebrap, 1978; e **Ciladas da diferença**. São Paulo: Editora 34, 1999. Publicamos a seguir trechos da entrevista concedida por ele ao **IHU On-Line**, por telefone, na última semana.

Uma nova tradução do livro **A ética protestante e o “espírito”<sup>(1)</sup> do capitalismo** de Max Weber acaba de ser publicada pela Companhia das Letras (Weber, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo; revisão técnica, edição de texto, apresentação, glossário, correspondência vocabular e índice remissivo Antônio Flávio Pierucci. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004). A edição recupera a versão original do ensaio e a apresenta em conjunto com o texto de 1920, revisto e ampliado pelo próprio Max Weber.

<sup>1</sup> “Quando, há cem anos, apareceu pela primeira vez nas páginas da revista *Archiv für Sozialwissenschaft* (1904) o germinal ensaio de Max Weber sobre a ética ascética do protestantismo puritano como berço da cultura ocidental moderna, seu título trazia entre aspas – aspas de cautela e ao mesmo tempo de ênfase – a palavra “espírito”. Exatamente como na atual edição. Com essa marcação diacrítica o autor salientava de imediato aos olhos do leitor o que é que, afinal de contas, pretendia identificar, ao lado da ética religiosa ali no título, como seu “novo” objeto de análise na busca sociológica de uma relação causal histórica. E esse novo objeto *não era* o capitalismo como sistema econômico ou modo de produção. Era, *sim*, o capitalismo enquanto “espírito”, isto é, cultura – a cultura capitalista moderna, como tantas vezes ele irá dizer -, o capitalismo vivenciado pelas pessoas na condução metódica da vida de todo o dia. Noutras palavras, o “espírito” do capitalismo como conduta de vida: *Lebensführung*. Para começo de conversa: o mínimo que esperamos desta nova edição em português é deixar assentado de uma vez por todas que Weber nos legou não somente duas edições d’**A ética protestante**, mas duas *versões*. A primeira, publicada em duas levadas, em 1904 e 1905, e a outra, revista em ampliada, editada em 1920. Por isso é que aqui, com tradução mais atenta a uma correspondência vocabular mínima entre os termos-chave empregados nos dois idiomas e nas duas áreas de conhecimento mais diretamente mobilizadas no ensaio weberiano (a saber, a nascente sociologia alemã e a velha teologia protestante), a palavra “espírito” recupera as aspas que o próprio Weber havia cortado para a segunda edição.” A nota transcreve o trecho inicial da apresentação, assinada por Antônio Flávio Pierucci, da edição d’**A ética protestante e o “espírito” do capitalismo** comemorativa ao centenário da primeira publicação (Nota do **IHU On-Line**).

***IHU On-Line – “A ética protestante e o espírito do capitalismo” mantém-se atual?***

**Antônio Flávio Pierucci** – Sim, na medida em que é uma obra que se colocou como desafio interpretar a arrancada do processo de modernização ocidental, e nós ainda estamos vivendo em pleno processo de modernização, se não mais nos países centrais, no Terceiro Mundo, nos países asiáticos, na América Latina. No Brasil, estamos vendo isso acontecer nos rincões que a gente jamais imaginava tão rapidamente modernizados. Então a obra é muito atual, nesse sentido. Por que? Porque mostra também que no processo de modernização, que é um processo de racionalização, não basta levar em conta os fatores puramente econômicos, ou como diríamos um tempo atrás, os fatores puramente materiais, mostra que os fatores culturais pesam muito. E entre esses fatores culturais tem um peso, cada vez mais pronunciado, o fator religioso.

***IHU On-Line - Na apresentação do livro o senhor diz que se oportuniza uma reflexão sobre a obra à luz do pós-modernismo. Em que sentido?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Me refiro a uma coisa tipicamente pós-moderna, que é o fato de, agora também nas ciências humanas, começarmos a dar importância para o texto. A feitura do texto, a confecção do texto, agora, também passar a ser objeto de atenção. E eu digo isto porque na nova edição nós procuramos mostrar que o texto tem uma história, em si mesmo. Temos um texto em dois momentos: a primeira forma, de 1904 e 1905, que é uma primeira versão, que não foi editada em forma de livro, mas como artigos de uma revista importante, a ***Archiv für Sozialwissenschaft***. Depois, quinze anos passados, com o Weber já munido de um outro aparato conceitual, que ele próprio foi desenvolvendo, revendo a primeira versão, acrescentando muitas coisas. Não apenas informações novas, acrescentando conceituações novas. Entre as quais eu faço sobressair não ali, [na apresentação de “A ética...”] mas no livro que eu escrevi no final do ano passado, a noção de “desencantamento do mundo” [ver a introdução desta entrevista]. Que é uma noção tão central no pensamento do Weber e que, até então, nós pensávamos que já havia nascido prontinha, assim como se imaginava o mesmo de “A ética...”. Muitos daqueles conceitos foram surgindo na elaboração da sua sociologia no decorrer desses quinze anos. Em 1920, retoma e recheia, digamos assim, aquela primeira versão com novos conceitos, o que nos dá uma sensação de estarmos lendo dois livros ao mesmo tempo. Então, é neste sentido que eu falo do pós-moderno, no sentido de que agora não só o conteúdo do texto é importante, mas a escrita em si mesma, a maneira como o texto nasceu, com as suas correções, com as suas hesitações conceituais, com a troca de palavras, o ajustamento de certas expressões, de certos conceitos. Isto faz com que agora o texto, mesmo, seja alvo de interesse do estudioso, não apenas o que está sendo dito no texto. O texto em si mesmo, na sua materialidade, digamos assim, passa a ser objeto de atenção<sup>2</sup>.

***IHU On-Line – A segunda versão apenas reforça a primeira? Não há mudanças na estrutura do conteúdo?***

**Antônio Flávio Pierucci** – Não. Na edição de 1920 há uma nota de rodapé, que destacamos, onde ele diz que não alterou nada de substantivo, nada de essencial, e até sugere aos seus críticos e objetores que cotejem os textos. Weber não mudou a sua interpretação básica do que é a relação entre uma ética religiosa que, no caso, é a ética de um tipo de protestantismo, que ele chama de protestantismo ascético, o puritano, que vai gerar um tipo de comportamento na

<sup>2</sup> Cf. também GAUCHET, Marcel, **Le Désenchantement du monde. Une histoire politique de la religion**, Paris: Gallimard, 1985 e GAUCHET, Marcel, **La condition historique**. Entretien avec François Azouvi et Sylvain Piron, Paris: Stock, 2003 (Nota do *IHU On-Line*).



sociedade capitalista, na atividade econômica. Ou seja: há uma relação de causalidade no nível da cultura. A ética protestante gera um *ethos* profissional. Não gera o capitalismo, gera uma “embocadura” profissional, uma forma de encarar a vida, uma maneira de encarar a atividade econômica inteiramente nova, inteiramente racional. Isto não muda, da primeira para a segunda versão. Mas ele acrescenta coisas muito importantes, como o conceito de “desencantamento”, que é central no seu pensamento.

***IHU On-Line* – O capitalismo contemporâneo ainda precisa do *ethos* profissional desenvolvido pela ética protestante?**

**Antônio Flávio Pierucci** – Weber é muito claro com relação a isto. O capitalismo não precisa mais de uma ética especificamente religiosa, mas precisa de um *ethos* racional. A partir do momento em que o capitalismo se afirma sobre os seus próprios pés, já no final do século 19, quando o capitalismo entra na sua fase de indústria pesada, que é a indústria da siderurgia, da metalurgia, da produção de máquinas, equipamentos, e não mais apenas a produção de bens de consumo, aí já temos a lógica de um capitalismo autonomizado em relação a uma ética religiosa. Ele precisa de agentes racionais dispostos ao trabalho. Hoje nós estamos vendo que as empresas estão selecionando as pessoas com hábitos de maior escolaridade, com maior flexibilidade na sua capacidade de aprender e de se reciclar. As pessoas, para serem ajustadas ao capitalismo, precisam, de alguma forma, ser educadas racionalmente. Nesse sentido, a contribuição da obra de Weber é perfeita, é extremamente atual. Sobretudo nos postos de direção, o capitalismo exige ainda hoje das pessoas uma dedicação ao trabalho extraordinária, como se a realização humana se reduzisse à realização profissional. Então as pessoas, os famosos *workaholics*, executivos, gerentes, subgerentes, toda essa parcela de trabalhadores precisa de uma dedicação ao trabalho que é praticamente puritana. O capitalismo exige uma dedicação e uma capacidade de autodomínio, autocontrole, de repressão dos instintos de preguiça, de ócio, de prazeres, de vícios... Nós temos, no Brasil, uma camada de trabalhadores qualificados que faz isso com uma dedicação que parece religiosa. Então, a ênfase que o Weber dá, estudando o protestantismo ascético, vem com essa mensagem de que é preciso ascese, de que as pessoas devem levantar cedo e começar a trabalhar e trabalhar até tarde e se dedicar se possível, também na horas vagas ao trabalho. Tudo isso é muito importante para - embora Weber não use essa expressão – “subir na vida”.

***IHU On-Line* – O que perdura é a idéia de “subir na vida”?**

**Antônio Flávio Pierucci** - Isto perdura. Não perdura mais para a maioria, porque o capitalismo não consegue dar emprego, mais, para as pessoas. Entre os empregados existem aqueles que são facilmente substituíveis, e aqueles que são de mais difícil substituição. Desses, o capitalismo exige o máximo de dedicação. É uma dedicação sem Deus, é uma dedicação de si mesmo, a um fundamento puramente racional que, examinado a fundo, tem um forte componente irracional. Se perguntarmos para as pessoas porque elas trabalham tanto, elas não conseguem dizer mais que é porque Deus quer assim, que é uma missão divina, que é uma vontade de Deus. Vão tentar dizer que é importante ser assim, porque é assim que eles se realizam, que é assim que eles garantem o futuro dos filhos, que eles garantem o futuro da pátria, usando esses argumentos para tentar explicar uma atitude anti-humana, praticamente.

***IHU On-Line* - Esta organização racional do trabalho propiciada pelo protestantismo, se contrapôs, segundo Weber, a um capitalismo pária, representado pela forma judaica de negociar. Mas o capitalismo contemporâneo não assumiu as formas de um capitalismo pária?**

**Antônio Flávio Pierucci** – O capitalismo pária referido por Weber era um capitalismo de pessoas que não criavam raízes. O capitalismo judaico foi sobretudo um capitalismo de empréstimo de dinheiro. A diáspora judaica desenraizou os judeus, os espalhou pelas diferentes nações, onde atuavam em profissões não ligadas à produção, ligadas às transações financeiras. E com isso eles se educavam muito, eram muito dedicados às artes, à produção intelectual, à ciência, onde se destacaram bastante. Nesse contexto, Weber está dizendo: o capitalismo produtivo exige uma racionalização cotidiana e incansável, porque o capitalismo financeiro não precisa desse tipo de dedicação, ou não precisa desse tipo de solidez. Por isso que ele o chama de capitalismo pária, porque é um capitalismo ádvena<sup>3</sup>, um capitalismo que é importante, mas não se aclimata.

**IHU On-Line** – Então poderíamos dizer que estamos a lidar com dois tipos de capitalismo: um que ainda busca essa modernização típica ocidental, e que se espalha pelo Brasil, e um capitalismo financeiro predatório?

**Antônio Flávio Pierucci** – Sim, o capitalismo financeiro é um capitalismo que, na realidade, não cria nenhum capitalismo auto-sustentável. Ele não produz no Brasil um capitalismo autônomo, autóctone. Há uma mudança de qualidade do tipo de capitalismo, que não leva mais aquilo a um processo de modernização produtiva.

**IHU On-Line** – Uma das dificuldades da expansão do capitalismo, na análise do Weber, foi o tradicionalismo, a idéia de que bastava ganhar o suficiente para satisfazer as necessidades básicas, o desapego ao lucro. Se o capitalismo clássico, que ainda se expande pelo Brasil, não recorre mais ao apelo de uma produção abençoada por Deus, e precisa qualificar seus empregados, como ele os está educando?

**Antônio Flávio Pierucci** - O capitalismo precisa de apenas uma parcela da população que se dedique a ele. O capitalismo não abarca a totalidade das pessoas, hoje uma grande parte da população é inteiramente supérflua, inteiramente descartável. O capitalismo, hoje, não tem mais condições de oferecer pleno emprego. O capitalismo é, hoje, altamente seletivo. Aqueles que sentirem o apelo que o Weber diria, divino, de uma predestinação a serem prósperos numa sociedade como esta, estes são predestinados a se darem bem num sistema como este. Isto é: não está dito que a maioria vai se salvar; salvar-se-á uma minoria. Essa minoria, ninguém sabe quem são. Mas eles, os escolhidos, saberão; constroem, para si, a sua própria predestinação. Isso é cruel, mas é uma coisa que existe, é possível pensar um Deus assim, Calvino pensou. Não pensou Deus como “Pai de todos”. Então, isso é tremendamente perverso. Nós vivemos, realmente, num momento da história absolutamente execrável, no sentido de que você vê as pessoas, os jovens criando expectativas que não serão concretizadas para todos, nem mesmo para a maioria deles.

**IHU On-Line** - O senhor disse que os elementos religiosos, a cultura religiosa continua sendo importante para a expansão capitalista. O senhor está se referindo ao pragmatismo das vertentes evangélicas, por exemplo?

**Antônio Flávio Pierucci** – No que se refere ao pragmatismo, o protestantismo dos séculos 16 e 17, tirando o luteranismo, a corrente luterana, o protestantismo que Weber chama de ascético era extremamente pragmático. Era uma religião de homens de negócios, de homens práticos, que faziam da sua atividade econômica o lugar, por excelência, do seu encontro com Deus. Isso é pragmático. Essa é outra coisa que aprendemos relendo a “A ética...”: a religião não

---

<sup>3</sup> Quem vem de fora; estranho, alienígena. (Nota do *IHU On-Line*).

precisa ser mística, não precisa ser não prática, pelo contrário, ela pode ensinar as pessoas a organizarem de uma maneira mais prática as suas vidas, a terem um espírito prático, a saberem que, fazendo isso, elas estarão contribuindo para a glória de Deus. Se você coloca a glória de Deus como o seu objetivo, e o que você faz é cuidar do seu dia a dia, de garantir o seu bolso e a sua prosperidade, isto é protestantismo do mais legítimo. Não é o protestantismo de Lutero, que é o protestantismo do amor, da salvação universal, do arrependimento dos pecados...

***IHU On-Line - Pode-se dizer que, de maneira geral as manifestações evangélicas correspondem modernamente a esse espírito?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Não. Weber, quando fala “ética protestante”, na verdade desconstrói a idéia de que o protestantismo é um bloco único, igual. Há protestantismos das mais diferentes espécies. Há um protestantismo extremamente místico, há ênfase no êxtase e na experiência imediata do gozo, da graça no Espírito Santo, ela pode ter efeitos práticos e pode ter efeitos alienantes. Weber vai falar de “desencantamento” mostrando que o protestantismo é um fator importante de desmagificação da prática religiosa. Nós estamos vendo que algumas vertentes desse nosso protestantismo, sobre tudo das correntes criadas aqui no Brasil, autóctones, tipo Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Renascer, elas têm fortes componentes de magia, têm um apego aos objetos sagrados, a determinados gestos sagrados como se eles tivessem força salvífica. Na teoria calvinista, isto vai ser jogado no lixo como sendo idolatria, como sendo divinização das criaturas. Não dá para dizer que o protestantismo que cresce no Brasil é o protestantismo ascético do século 17. Há muito pouco de ascetismo, em algumas coisas. Agora, eu acho o seguinte: eu acho que os pastores protestantes destas igrejas no Brasil trabalham muito, trabalham mais do que muitos padres e do que muitos pastores mais tradicionais. As igrejas deles ficam abertas 24 horas por dia. Há uma idéia de trabalho pastoral – eu não sei se eles chamam assim – nessas correntes evangélicas, que é absolutamente incansável.

***IHU On-Line - O senhor diria que a Igreja Católica não está conseguindo proporcionar uma certa “eticização”, como a oferecida pelo protestantismo a uma sociedade que se desenvolvia?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Um dos problemas da Igreja Católica é ser uma igreja clerical. É uma Igreja que tem uma hierarquia e que depende muito, do ritmo dessa hierarquia. Do meu ponto de vista, não mais falando em termos weberianos, eu acho esse ritmo da hierarquia paquidérmico. A hierarquia católica, no Brasil, é muito lenta, nas suas decisões. As igrejas evangélicas são muitos mais ágeis, têm uma estrutura que você pode não concordar com ela, há uma desintelectualização dos pastores protestantes, dessas igrejas neopentecostais, bastante acentuada. Você sabe qual é o estado de maior taxa de evangélicos no Brasil? É Rondônia. No censo 2000, já tinha 27% de evangélicos. Ou seja: também os protestantes crescem no Brasil porque a Igreja Católica não consegue preencher as necessidades espirituais da população. Não tem padres, o que vai fazer?

***IHU On-Line - Esta acentuada presença dos evangélicos nessa região, à parte seu lado mágico, místico, é um braço de desenvolvimento capitalista?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Não tenha dúvida, é um braço de desmatamento, é um braço de desenvolvimento do capitalismo em todos os sentidos mais perversos, de instalação de grandes propriedades, de corrupção, no sentido capitalista, das lideranças indígenas, eu não tenho

dúvidas quanto a isso. É muito intrigante que os estados mais protestantes do Brasil sejam estados da Amazônia. A taxa de protestantes em Roraima também é próxima dos 27%.

***IHU On-Line – A análise de Weber, em “A ética protestante”, alcança a sociedade pós-industrial?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Isso é uma etapa do capitalismo que a ética protestante de Weber não atinge, não alcança. O Weber não tinha idéia de que o capitalismo chegaria nisso que nós chamamos de capitalismo pós-industrial, de uma sociedade que nos anos 1970 começamos a chamar de sociedade de consumo, que pede que as pessoas se divirtam, que as pessoas saiam de casa, que as pessoas dediquem as suas horas a consumir, se divertir em grupos, dançar....consumir muito, ir a bares, tudo isso é ócio, é sociedade de consumo, isso não é ética protestante, não é mesmo. Isso é uma tendência contrária àquilo que o Weber imaginava, não é ascético, não é ascese. Aquilo que o Weber dizia ainda se aplicava, eu dizia, a uma parcela da população, os eleitos, como eu disse antes, parafraseando o Weber. Estas pessoas, que não se dedicam ao trabalho, elas não estão entre os ascetas, são pessoas voltadas para o prazer, o gozo, inclusive do próprio corpo, se submeterem ao desejo, e não mais cuidar dos seus interesses e dos seus valores. Isso o Max Weber não alcançou, e “A Ética...” tem muito pouco a dizer.

***IHU On-Line – “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, pode ser considerada um marco histórico na refutação empírica do materialismo histórico, considerando o estudo que ele faz a partir das religiões e das suas decorrências culturais na evolução do capitalismo?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Weber não tinha pretensão de refutar o materialismo histórico, tem um momento que ele vai dizer: eu não estou querendo substituir uma visão unilateral, uma visão materialista, por uma outra visão unilateral dando ênfase ao “espírito”, aos fatores culturais, aos fatores ideais, de idéias... Ele fala: na realidade só se pode entender os fenômenos históricos se nós tivermos a capacidade de olhar as diferentes formas de causalidade, os diferentes fatores que entram na explicação. Weber era contra a monocausalidade, contra o monismo explicativo. Ele achava que a história é muito mais rica e que, para explicarmos um fenômeno histórico, uma situação histórica, um conjunto de fenômenos históricos, precisamos levar em conta os vários fatores. Sejam eles os fatores materiais, no sentido de puramente econômicos, sejam eles os fatores culturais, como no caso da ética protestante ou, como ele vai lembrar em muitas notinhas de rodapé de “A Ética...”, fatores políticos, aos quais o materialismo histórico dava muito pouca ênfase, como sendo tão importantes no seu influxo causal quanto os fatores econômicos. Ele não refuta o materialismo histórico simplesmente invertendo-o, como Marx teria feito com Hegel. Ele simplesmente diz: olha, não dá para ser mono, tem que ser pluri, tem que ser multicausal para podermos entender a vida humana na sua complexidade.

***IHU On-Line - O senhor diria que para o governo brasileiro atual está faltando um pouco de leitura de Weber?***

**Antônio Flávio Pierucci** - Eu acho que para o governo atual está faltando leitura, não é que esteja faltando leitura de Weber. As pessoas têm que ler, estudar. O “núcleo duro” do governo não é de pessoas estudiosas, nós estamos sentindo que isso faz falta.

## RELER WEBER NO CONTEXTO ATUAL, PROMOVENDO UMA ATUALIZAÇÃO METODOLÓGICA E EPISTEMOLÓGICA

### Entrevista com Almiro Petry

O Prof. MS Almiro Petry, das Ciências Humanas da Unisinos, colabora com suas idéias sobre Max Weber para a matéria de capa da presente edição. Graduado em Ciências Sociais e em Filosofia pelas Faculdades Anchieta de São Paulo (FASP), é mestre em Sociologia Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com dissertação intitulada **Percepção de oportunidades de melhoria de vida de agricultores de uma área minifundiária - Cruzeiro do Sul/RS**, e é doutorando<sup>4</sup> em Ciências Sociais Aplicadas pela Unisinos, com tese intitulada **Modelo planejado de universidade na reconfiguração organizacional da Unisinos X Modelo jesuíta de universidade: tensões e desvios**. O professor é organizador, ao lado de José Odelso Schneider e Matias Martinho Lenz, do livro **Realidade Brasileira: Estudo de problemas brasileiros**. 11 ed. Porto Alegre: Meridional EMMA, 1993.

#### **IHU On-Line- Qual é, na sua opinião, o principal legado de Max Weber?**

**Almiro Petry-** A obra de Max Weber (1864-1920) representa uma inegável contribuição às Ciências Sociais e, de modo particular, à Sociologia Contemporânea, tanto na esfera da investigação quanto na teoria. O legado weberiano impulsionou o desenvolvimento das Ciências Sociais e a riqueza de suas abordagens pode ser agrupada nos seguintes principais campos: (1) A religião e o comportamento econômico. Ele examinou as implicações das orientações religiosas na conduta econômica das pessoas. Os estudos clássicos são o da relação entre a ética protestante e o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente e o do racionalismo confuciano de adaptação ao mundo. De modo genérico, a discussão sobre esta temática desdobra-se em três aspectos: um, que se refere àquilo que Weber quis dizer; outro, que trata de ampliar, corrigir e refutar a relação que Weber estabelece entre o domínio da ação religiosa e o comportamento econômico; o terceiro, completa a tese de Weber ao examiná-la em novos contextos. (2) A metodologia weberiana da compreensão através da formulação de categorias de *tipo ideal*. É uma ferramenta heurística como caminho para confrontar o campo empírico com o *tipo ideal*. Weber, contudo, sinaliza com a contínua necessidade da transformação dos conceitos frente à apreensão e compreensão da realidade. (3) A burocracia e as organizações, como domínio legal e racional. O tratamento tipológico de domínio burocrático é explícito, quando Weber aborda a organização racional da empresa capitalista e do Estado. As categorias analíticas giram em torno do *poder* e da *dominação*. Além desse, os domínios *carismático* e *tradicional* também têm sua importância. Estes destaques do legado weberiano não menosprezam a forte presença no Direito, na História, na Economia, na Psicologia e na Política. Em pesquisa feita pela Associação Internacional de Sociologia (disponível no site [www.ucm.es/info/isa/books](http://www.ucm.es/info/isa/books)), sobre o livro mais influente do século XX, Max Weber é o autor mais destacado. Entre 978 indicações, *Economia e Sociedade*<sup>5</sup> recebeu 95

<sup>4</sup> O professor Almiro Petry já concluiu o curso e sua tese de doutorado, porém não obteve o título de doutor ainda, porque espera a aprovação do Doutorado do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos para defender sua tese.

<sup>5</sup> No Brasil, a Editora da Universidade de Brasília - UnB, publicou, em dois volumes a obra **Economia e Sociedade**. A tradução foi revista tecnicamente por Gabriel Gohn. A tradução é feita a partir da quinta edição. A outra importante tradução é a publicada pelo Editora Fondo de Cultura Económica, do México, intitulada **Economia y Sociedad. Esbozo de sociología comprensiva**. Esta tradução é feita a partir da quarta edição alemã (póstuma) que tem uma disposição diferente e inclui uma série de trabalhos que não aparecem nas três primeiras edições. O título original da obra de Weber é: **Wirtschaft und Gesellschaft. Grundriss der Verstehenden Soziologie**, Tübingen: J.C.B. Mohr, (Paul Siebeck), 1922. Para maiores informações sobre esta obra que é, segundo Raymond Aron, "a construção mais monumental que se

(9,7%) e *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, 47 (4,8%). Entre estas duas apareceram *A imaginação sociológica* (W. Mills, com 59 indicações) e *a Teoria social e estrutura social* (R. Merton, com 52 votos). Mas, somando as demais obras, Weber recebeu 166 (17%) indicações. A pesquisa detalha outros aspectos, como o idioma com que o sociólogo trabalha (65,3% têm o inglês como língua de trabalho), a idade e o sexo. Chama a atenção que *Economia e Sociedade* recebeu as primeiras indicações nas três faixas etárias: 18% (até 45 anos), 23% (45-55 anos) e 20% (acima de 56 anos), empatando, aqui, com *Teoria social e estrutura social* de R. Merton. Na faixa dos jovens sociólogos, P. Bourdieu (*A distinção*) apareceu em 2º lugar, com 15% dos votos. Em 1999, o jornal *Folha de S. Paulo* (Caderno *Mais!* De 11-04-1999) divulgou uma pesquisa feita junto a intelectuais brasileiros sobre o livro mais impactante do século XX. Ficou em 1º lugar *A ética protestante e o espírito do capitalismo* e, em 3º lugar, *Economia e Sociedade*. Eis um consenso em torno da obra de Weber, apontando para a importância e relevância de seu legado.

**IHU On-Line- Quais as principais limitações apresentadas pela sua sociologia, frente às exigências contemporâneas? Seu “método compreensivo” perdura?**

**Almiro Petry-** Em primeiro lugar, as exigências contemporâneas decorrem da configuração da sociedade no início do século XXI. Weber teve como empiria a sociedade industrial capitalista do início do século XX. Sua luta foi na construção de uma ciência empírica, com um objeto claramente definido, analisado e interpretado com seu método inovador na construção da teoria social. Hoje pretende-se ver, naqueles procedimentos, alguns obstáculos epistemológicos para avançar na teoria social. Talvez a principal restrição seja ao objeto propriamente dito, ou seja, à sociedade nacional, com base em um território, delimitado geograficamente, habitado por um povo que se caracteriza pela cultura, pelo Estado, etc. Frente ao crescente cosmopolitismo, aquela sociologia se apresentaria limitada para a compreensão da ação humana, das condutas, das organizações cada vez mais desterritorializadas, desfronteirizadas, em suma, globalizadas. Mudando o objeto, a exigência seria mudar o método e construir novas teorias. Entretanto, aprofundando mais o pensamento de Weber, fica evidenciado que sua unidade central da análise sociológica é a ação individual e a ação social que se expressam nas relações do indivíduo na ordem econômica, na ordem social, na ordem política e na ordem religiosa. Elabora, então, a concepção em função do sentido que o indivíduo atribui às próprias ações, nos diferentes âmbitos da sociedade. Mas isso precisa ser entendido. Essa é a essência da *sociologia compreensiva*: o interesse da investigação e da construção da ciência volta-se para a compreensão dos comportamentos, das condutas, das tradições, dos valores e das relações entre os indivíduos, tendo por base empírica a realidade social concreta. Sendo assim, as *limitações* fluem mais das restrições que se fazem ao método weberiano, à sua abordagem e à proposta analítica. Em Weber fica muito evidente que ele constrói sua teoria da sociedade sobre as relações de poder em que dá ênfase às idéias de luta, de seleção e de competição. Incorpora em seu esquema analítico a idéia de luta, não na perspectiva darwiniana, mas como um componente fundamental de toda a relação social. Julga que é impossível eliminar a luta da vida social. Para ele, ela se encontra em toda parte e dela resulta uma *seleção*. Isso se apresenta como extremamente atual. Em segundo lugar, o método da compreensão continua atualíssimo. Revistando os textos, fica patente que Weber dedica grandes energias para distinguir os enunciados que exprimem um conhecimento empírico dos que exprimem juízos de valor. Condena a confusão entre essas duas ordens. Para ele, a tarefa do conhecimento

---

tenha tentado nas ciências sociais", cf. a introdução à edição brasileira de Gabriel Gohn intitulada *Alguns problemas conceituais e de tradução em Economia e sociedade*. (Nota do **IHU On-Line**)

---

científico consiste na *compreensão racional da realidade empírica*, aquela que está ao nosso redor. Essa é verificável através da observação direta ou mediante a construção de *tipos ideais*, que não se encontram empiricamente, mas que possibilitam determinar “a proximidade ou o afastamento entre a realidade e o quadro ideal”. A confrontação visa a captar o sentido ou a conexão de sentido, sustentada pela construção lógica e racional do *tipo ideal*, permitindo a compreensão do caso particular.

**IHU On-Line- Segundo os preceitos weberianos, pode-se dizer que o atual governo do País exerce uma dominação carismática, a partir da figura do Presidente Lula?**

**Almiro Petry-** Categoricamente, não. A questão do poder e da *dominação* marca a obra de Weber. Ele vê a temática à luz dos dominantes, colocando a legitimidade como a probabilidade de obter a obediência, de forma direta ou através de um quadro administrativo. Considera o poder como “toda a probabilidade de impor a própria vontade numa relação social” e a dominação como “toda a probabilidade de encontrar obediência a uma ordem de determinado conteúdo”. Para identificar isso, constrói *tipos puros* de dominação legítima, classificando-os em legal, tradicional e carismático. A dominação carismática baseia-se no devotamento de uma qualificação pessoal extraordinária e em virtude da qual se atribuem à pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanas. Ela também pode ser vista como enviada por Deus. Disso decorre sua liderança. Os liderados, ou adeptos – os carismaticamente dominados – reconhecem a(s) qualidade(s) e tributam-lhe veneração de herói e a confiança de um líder. Assim, a dominação carismática sustenta-se pelo devotamento dos carismaticamente dominados, mas se desvanece quando não há mais provas do carisma, ruindo, igualmente, a liderança. A relação entre o dominante e os dominados é estritamente emocional. Não há quadros administrativos, mas discípulos. A dominação carismática opõe-se rigorosamente à dominação racional. Sua legitimação está no reconhecimento do carisma pessoal. Pode constituir-se numa grande força revolucionária. Mas a dominação carismática perde sua forma genuína de extracotidianidade, quando ela se rotiniza ou se burocratiza. Nessa perspectiva, parece exagerado atribuir ao Presidente Lula e a seu governo a categoria de *dominação carismática*, apesar dos 53 milhões de votos. Caberia indagar sobre o sentido destes votos. Nas eleições passadas, afirmava-se que os votos depositados no Collor eram votos *anti-Lula*. O mesmo se repetiu em relação ao Presidente Fernando H. Cardoso. Será que em 2002, parcela dos votos confiados a Lula, não foram votos anti a octaetéride de FHC? O *marketing* do Duda Mendonça, criando a imagem do *Lulinha Paz e Amor*, cooptou parte dos eleitores. Isso não diminui possíveis traços carismáticos que Lula tenha. Sem dúvida, um metalúrgico subir a rampa do Palácio para ser investido da mais alta magistratura da República, é inédito e inusitado. Satisfaz, momentaneamente, uma série de anseios populares. Mas, instalado no poder central, o Presidente Lula, adotou claramente todas as características da *dominação burocrática*. Há, contudo, um detalhe: parte do *quadro administrativo* hierárquico foi desmantelado para dar chance aos *discípulos carismaticamente dominados*.

**IHU On-Line- Quais aspectos da obra weberiana deveriam ser mais valorizados pelas universidades?**

**Almiro Petry-** Este questionamento nos conduz a uma seara que é a autonomia da universidade, a autonomia dos campos científicos e a autonomia dos cientistas. Neste caso, a posição weberiana é de que os cientistas devem mostrar donde provêm suas posições e afirmar que estão a “serviço de tal deus e ofendendo tal outro”... Da mesma forma, Weber julga que “o verdadeiro professor terá escrúpulos de impor, do alto de sua cátedra, uma tomada de posição qualquer, tanto abertamente quanto por sugestões...”.

**IHU On-Line- Quais ensinamentos a sociedade (e as igrejas) podem extrair de “A ética protestante...” para enfrentar o século XXI?**

**Almiro Petry-** *A ética protestante e o espírito do capitalismo* foi publicado em 1904 (1ª parte) e 1905 (2ª parte), no periódico *Archiv für Sozialwissenschaft und Sozialpolitik* (v.XX e v.XXI), atingindo a 1ª parte, este ano, seu centenário. Em 1920, com a revisão, inserções e alterações, do próprio Weber, integra o v. I de *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie*. Em 1930, T. Parsons traduz a obra para a língua inglesa, projetando o trabalho de Weber no mundo acadêmico, fora da Alemanha. Em 1967, o público brasileiro teve acesso ao texto pela publicação da Livraria Pioneira Editora. Em 2002, surge, em formato “bolso”, pela Editora Martin Claret. Em 2004, a Companhia das Letras, publica a Edição de Antônio Flávio Pierucci, em comemoração ao centenário. A temática da religião, Weber aborda na *Sociologia da religião* (*Die protestantische Ethik und der Geist des Kapitalismus; Wirtschaft und Gesellschaft*, cap.V; *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie* – v. I, II e III). Seu foco é a análise sociológica da religião como categoria de *domínio da ação religiosa* na regulação das relações entre os poderes supramundanos e os homens e vice-versa. Aceita a premissa de que os mundos – o sacro e o profano – se intercomunicam e que a *ação religiosa* está orientada para o *mundo profano*, através de profissionais específicos (mago, sacerdote, pajé, etc., manipuladores das *forças extraordinárias*), que são os *mediadores*, carismaticamente qualificados (em oposição aos *leigos*), visando a obter benefícios *do* ou *para* o *mundo sacro*, com presença viva no *mundo profano*. Na prática, o *domínio de ação religiosa* é uma intervenção no cotidiano das pessoas que poderá ser por *forças superiores* (deus, espírito) ou *inferiores* (demônios). Nesta perspectiva, Weber indaga, fundamentalmente, em que medida as concepções religiosas têm influenciado a vida econômica das diferentes sociedades. Ele acredita que o comportamento humano só pode ser compreendido dentro da concepção de mundo (*Weltanschauung*) de cada povo. Nela estão contidos os dogmas religiosos, os valores, os preceitos sociais, etc. A partir daí ele quer estabelecer a relação entre o *domínio da ação religiosa* e a *conduta econômica*. O ensaio *A ética protestante e o espírito do capitalismo* contempla esses aspectos. Para tanto, Weber traça um *ethos* do asceta que, em relação à ordem do mundo, vê a vocação (profissão – *Beruf*) que deve ser exercida racionalmente. Entende o capitalismo como o sistema de produção calcado na empresa, cujo objetivo é o maior lucro possível, cujo meio é a organização racional do trabalho e da produção, unindo o desejo de lucro com a disciplina racional. Na perspectiva do ascetismo, a vocação (profissão) é tida como a colaboração racional com os objetivos estabelecidos por Deus na criação, configurando uma ação racional orientada por valores e fins. Disso resulta um *modus vivendi* racionalizado. Para analisar o nível de racionalização promovida por uma religião, Weber aponta dois critérios: o primeiro é o grau em que ela se despoja da magia, e o segundo, é o grau de coerência sistemática que ela imprime à relação entre Deus e o mundo. Disso decorre a própria relação ética do crente com o mundo (profano). Em relação ao primeiro critério, o puritanismo, juntamente com o protestantismo ascético (calvinismo, pietismo, metodismo e as seitas batistas) elimina completamente a magia atingindo o “pleno desencantamento do mundo”. O puritano genuíno rejeita todo e qualquer rito para “obter a graça de Deus para aqueles a quem Ele a negara”, como estabelece a doutrina da predestinação. Essa doutrina dogmatiza que o mundo existe para servir à glorificação de Deus, e os eleitos estão no mundo para aumentar a glória de Deus. Então, a *certeza da salvação* torna-se uma necessidade fundamental. Em decorrência, o puritanismo diante do dilema *liberdade ou destino*, trata racionalmente o mundo frente aos desígnios do Deus supramundano. O puritano é impelido a transformar o mundo para acumular riquezas, porque desenvolve a convicção no valor ético da riqueza como meio universal de aperfeiçoamento



moral geral. Nisso Weber vê o seu segundo critério: a coerência sistemática na conduta. O puritano acredita na promessa de que o mundo lhe é dado porque “ele tinha-se empenhado por Deus e sua justiça”, por isso, ele tem a riqueza como a bênção visível de Deus. Ela também significa a resposta concreta à pergunta existencial: “serei eu um dos eleitos?”. Weber denomina o racionalismo puritano de *dominação racional do mundo*, porque – além da sobriedade, da frugalidade, do impulso aquisitivo e da valorização da riqueza – a ética racional puritana está orientada “para além do mundo” e, para o puritano, “o trabalho intramundano não passava de expressão do esforço por uma meta transcendente”. Daí emerge a impulsão para transformar e dominar racionalmente o mundo. Assim, o domínio da ação religiosa puritana, impulsionada pelo êxito econômico, converge para a lógica e a racionalidade capitalista, engajando-se no avanço inexorável do capitalismo ocidental. Nessa convergência, consagra-se o reinvestimento contínuo do lucro não-consumido, expressão de afinidade entre a *ética protestante* e o *espírito do capitalismo*, quando se busca maximizar o lucro, não para gozar a vida, mas na intencionalidade de produzir cada vez mais. Em suma, é o que Weber analisa. Entretanto, em 1920, Weber reconhece que o “*capitalismo avançado* dos dias de hoje tornou-se independente daquelas influências que a religião podia exercer no passado”. Evidencia, assim, que seus estudos buscaram as razões históricas da expansão do capitalismo no Ocidente. Encontra-as na Reforma que eliminou a dominação eclesiástica, implantando a dominação calvinista, uma verdadeira tirania puritana. Por isso, seria muito presunçoso “extrair ensinamentos” para enfrentar o século XXI. O que poderá ser feito (quicá, seja uma exigência), é reler Weber no contexto atual, promovendo uma atualização metodológica e epistemológica, para completar, ou negar definitivamente, a centenária tese da relação entre a conduta racional religiosa e a conduta racional econômica.

## MAX WEBER HOJE

### Entrevista com Richard Swedberg

**IHU On-Line** entrevistou por e-mail Richard Swedberg, professor de Sociologia na Universidade de Cornell, Estados Unidos, desde julho de 2002. Nascido em 1948, em Estocolmo, na Suécia, especializou-se em Sociologia Econômica, incluindo Economia, Direito e Teoria Sociológica. É graduado e mestre em Direito pela Universidade de Estocolmo, e Ph.D. pelo Departamento de Sociologia do Boston College. Antes de trabalhar na Universidade de Cornell, trabalhou no Departamento de Sociologia da Universidade de Estocolmo. Desde 2002, é diretor associado no Centro de Estudos de Economia e Sociedade, na Universidade de Cornell. É fundador e foi o primeiro editor da **Economic Sociology: European Electronic Newsletter** [Revista Eletrônica Européia de Sociologia Econômica] (1999-2000) e integra os conselhos editoriais e é correspondente de publicações especializadas em sociologia de vários países. O professor Richard é autor de, entre outros, **Sociology as Disenchantment: The Evolution of the Work of Georges Gurvitch** [Sociologia como Desencantamento: A Evolução da Obra de Georges Gurvitch] (Humanities Press, 1982. (livro baseado em sua tese de doutorado); **Max Weber Dictionary** [Dicionário de Max Weber], com a assistência de Ola Agevall. Stanford: Stanford University Press; **Max Weber and the Idea of Economic Sociology** [Max Weber e a Idéia de uma Sociologia Econômica]. Princeton: Princeton University Press, 1998, a ser traduzido para o japonês (Bunka Shobu) e português. Traduzido para o chinês em 2003 (Commercial Press of Beijing) escolhido pela Revista Choice como um dos melhores livros acadêmicos de 1999; **Principles of Economic Sociology** [Princípios de Sociologia Econômica]. Princeton: Princeton University Press, 2003, a ser publicado em italiano (pela EGEA, Universidade de Bocconi), em chinês (pela China Renmin University Press), e em húngaro; e autor, com Victor Nee, do livro **The Economic Sociology of Capitalism** [A Sociologia Econômica do Capitalismo], que será publicado, em 2004, pela Princeton University Press, e com Neil Smelser, de **The Handbook of Economic**

*Sociology [Manual de Sociologia Econômica], a ser publicado também este ano.*

**IHU On-Line - Max Weber ainda pode ser considerado um dos paradigmas da sociologia? Quais os conceitos formulados por ele que ainda mantêm o vigor teórico?**

**Richard Swedberg** - Bem, esta é uma pergunta ampla que poderia levar horas para ser respondida. Para resumir o que penso, primeiramente, gostaria de salientar que a influência de Weber na sociologia moderna é, em geral, considerada muito importante. Quando a teoria sociológica clássica é ensinada, por exemplo, são Marx, Weber e Durkheim que geralmente estão no centro (enquanto que Simmel é, de certa forma, marginalizado). Conceitos como *carisma*, *status* e *autoridade ou dominação (Herrschaft)* também se tornaram parte da terminologia de sociologia. Existem livros sobre cada um desses conceitos e, sem dúvida, outros serão escritos. Obviamente, existe, também, o grande e importante impacto de Weber na teoria da organização, principalmente através de suas idéias sobre burocracia; e sobre estratificação, através de suas idéias sobre *status* e fechamento social. Além disso, Weber é sempre a figura principal na “nova sociologia econômica” que está se tornando cada vez mais importante.

**IHU On-Line - Qual foi o significado de “A ética protestante e o espírito do capitalismo” para as ciências sociais”? Sua análise pode ser adaptada às relações da sociedade pós-industrial com o aumento das religiões marcadas pelo pragmatismo?**

**Richard Swedberg** - O argumento de Weber na *Ética Protestante* pode ser resumido da seguinte maneira: Protestantismo – principalmente aquelas formas de Protestantismo que Weber denomina de “Protestantismo Ascético” (Calvinismo, Pietismo, Metodismo e outras tantas seitas que se derivam do Movimento Batista) todas contribuíram para a erradicação do capitalismo tradicional e derivaram para um novo tipo de capitalismo: capitalismo racional moderno. Este principalmente realizou esta proeza pela introdução de uma atitude muito mais metódica em relação ao trabalho e à obtenção de lucros. Pelo fato de ser uma religião, o Protestantismo Ascético também pode reduzir a resistência tradicional da religião para o trabalho pesado e a obtenção de lucros. Foi quando emergiu um novo tipo de empreendedor e de trabalhador. O modo como este argumento é trabalhado na *Ética Protestante* é uma questão muito debatida. Por exemplo, o conceito de Lutero de vocação (Beruf) teve um papel importante no sentido de atribuir valor positivo ao trabalho. Também existe uma discussão complexa sobre Calvino e predestinação. Weber argumenta, com toda brevidade, que a predestinação fez com que os adeptos do Calvinismo se sentissem inseguros e que essa insegurança fez com que eles procurassem sinais que não condenassem; a riqueza foi vista por alguns seguidores de Calvino como um sinal para não ser condenado. Está esse argumento correto? Bem, esse tipo de entrevista não é apropriada para discutir essa questão que tem sido objeto de ferrenhas discussões desde 1904-1905, quando a tese de Weber foi publicada pela primeira vez. Contudo, deixe-me fazer referência a um bom estudo neste assunto: *In Search of the Spirit of Capitalism* [À Procura do Espírito do Capitalismo] de Gordon Marshall<sup>6</sup>. Uma das várias questões que Marshall salientou em seu trabalho foi que muitos aspectos cruciais do argumento de Weber não podem ser considerados positivos nem negativos; e a única razão disso é que falta evidência empírica para pontos cruciais na argumentação de Weber. Weber não apresentou evidência empírica em seu estudo, e agora, provavelmente, é tarde demais para mudar a situação. Pode o argumento de Weber na *Ética Protestante* ser utilizado para a compreensão da sociedade pós-industrial? Novamente, uma questão ampla e há muito pouco

<sup>6</sup> Gordon Marshall é autor do *The Concise Oxford Dictionary of sociology*. Oxford, 1996. (Nota do IHU On-Line).

espaço para respondê-la. Apesar disso, uma vez que Weber estabelece uma sociologia completa (mais em relação à Economia e Sociedade do que à Ética Protestante!), não possuímos tantas categorias sociológicas e idéias com as quais se pode trabalhar. Conceitos como status, classe social, relacionamentos sociais abertos/fechados, carisma e burocracia podem, na minha opinião, ser usados para analisar a sociedade atual. A religião exerce o papel na sociedade pós-industrial da mesma forma como o faz na Ética Protestante? Pode ser tentador pensar que sim; por exemplo, os Estados Unidos são, ao mesmo tempo muito religiosos e muito exitosos como nação capitalista. Todavia, o argumento de Weber na Ética Protestante foi de que um certo tipo de religião ajudasse a “abrilhantar” o capitalismo racional em um certo momento no passado – e depois caiu no esquecimento. Quando Weber visitou os Estados Unidos no início do século XX, ele não questionou o poder industrial da nação por causa do papel da religião; havia outros motivos para isso. Dessa maneira, minha resposta é que, sem dúvida, deveríamos utilizar algumas das idéias e conceitos de Weber para analisar o papel da religião na sociedade pós-industrial – porém, não podemos simplesmente “traduzir” a tese de Weber sobre Ética Protestante para os dias de hoje.

***IHU On-Line* - É possível identificar, na sociologia contemporânea, teóricos ou escolas que ampliaram e atualizaram a contribuição de Weber, sem descaracterizá-la?**

**Richard Swedberg** - Primeiramente, deve-se salientar que não existe uma total equivalência, na escola weberiana, em relação ao marxismo, ou seja, não existem escolas específicas de pessoas que a vêem como sua tarefa principal de trabalhar de acordo com o paradigma weberiano e posteriormente desenvolvê-lo. Para ser direto: nunca existiu escola weberiana de sociologia. O que existe, na verdade, é uma grande quantidade de cientistas que utilizam pequenas partes do trabalho de Weber em suas análises. Há, também, uma explicação detalhada, aparentemente sem fim, daquilo que Weber realmente “quis dizer”, bem como uma preocupação com particularidades intrincadas de seu trabalho e vida – o que pode ser chamado de *weberologia*. A categoria que mais se aproxima daquilo que você procura pode ser denominada de neoweberismo. Esse rótulo é geralmente colocado em vários trabalhos de sociologia – principalmente na sociologia anglo-saxônica – a qual tem tentado renovar, desde o final da década de 1970, várias áreas de estudo, com a ajuda das idéias de Weber de forma independente e não-dogmática. Alguma inspiração para um projeto como o neoweberianismo deve ter-se originado do neomarxismo e também alguns neoweberianos devem, algum dia, ter sido neomarxistas. De qualquer forma, especialmente três áreas têm sido o centro da sociologia neoweberiana: estratificação, sociologia histórica e a sociologia da situação. Talvez a essas possa juntar-se a teoria da organização – bem como vários outros temas, tais como educação, religião e saúde. Abordagens neoweberianas também podem ser encontradas na antropologia e na ciência política. Dois dos mais importantes estudos do neoweberianismo são *Weberian Sociological Theory* [A Teoria Sociológica Weberiana] de Randall Collins<sup>7</sup> e *Marxism and Class Theory: A Bourgeois Critique* [O Marxismo e a Teoria de Classes: Uma Crítica Burguesa] de Frank Parkin<sup>8</sup>. Outros sociólogos contemporâneos influentes, cujos trabalhos são geralmente denominados de neoweberianos, incluem Anthony Giddens, Michael Mann e Theda Skocpol.

<sup>7</sup> Este livro foi publicado pela Cambridge University no ano de 1986. Randall Collins publicou no ano 2000 o livro *Sociology of philosophies* pela Harvard University. (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>8</sup> Este livro foi editado pela Columbia University Press, 1983. Do mesmo autor, em português, pode ser encontrado o livro Max Weber editado pela Celta Editora, 1997 (Nota do *IHU On-Line*).

---

***IHU On-Line* - Qual é, na sua opinião, o significado da idéia de “desencantamento do mundo” presente na obra de Weber?**

**Richard Swedberg** – O desencantamento do mundo (*Entzäuberung der Welt*) é uma expressão no trabalho de Weber que se refere ao processo através do qual as pessoas deixam de explicar o mundo e seu cosmos com a ajuda de forças mágicas, para acreditar na ciência e nas formas racionais de pensamento. Certamente, os intelectuais exerceram um papel-chave no processo de desencantamento do mundo. De acordo com *Science as a Vocation* [Ciência como Vocação], na qual esse tipo de assunto é discutido por Weber, “hoje em dia, no essencial, não intervêm forças misteriosas incalculáveis, mas, em princípio, podemos controlar todas as coisas mediante o cálculo. Isso significa que o mundo está desencantado”. O problema de viver em um mundo moderno desencantado é que a ciência tornou-se o novo Deus – e isso é problemático porque a ciência não consegue responder os problemas existenciais das pessoas, tais como “Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?” O próprio Weber pensou que novos deuses apareceriam, de uma forma nietzschiana – hoje, porém, quase um século após sua morte, não vimos nenhum novo Deus surgir. Estamos “presos” em um mundo sem sentido. Weber também pensou que seriam os intelectuais que mais sofreriam com o fato de viverem em um mundo sem sentido; e de uma forma mais geral, ele freqüentemente enfatizava que o que os intelectuais mais queriam era *significado*. Eu, pessoalmente, penso que é uma idéia interessante. Às vezes, brinco com a idéia de que a ciência social pode ser vista como uma enorme tentativa (criada pelos intelectuais!) para encontrar sentido na realidade. Certamente, a ciência social não tem êxito no estabelecimento de explicações causais – talvez, por isso, a ciência social seja mais uma evidência dessa procura por sentido do que uma tentativa exitosa para explicá-lo...

***IHU On-Line* - Na sua opinião, as universidades norte-americanas destinam ao legado de Weber a atenção que ele merece?**

**Richard Swedberg** - Primeiramente, deve ficar bem claro que foram os sociólogos americanos que não deixaram Weber ser esquecido. Logo depois de sua morte, em 1920, Weber foi esquecido na Alemanha e em outros lugares. Isso, em especial, foi graças ao sociólogo americano Talcott Parsons que liderou a redescoberta de Weber como um grande cientista social e sociólogo desde a década de 1930. Depois de Parsons, um número enorme de sociólogos americanos renomados fizeram importantes contribuições para a escola weberiana e/ou utilizaram as idéias de Weber em suas próprias pesquisas: Reinhard Bendix, Peter Berger, Peter Blau, Randall Collins, Everett C. Hughes, Seymour Martin Lipset, Robert K. Merton, Talcott Parsons, Edward Shils, Theda Skocpol e Arthur Stinchcombe. Qual é a posição atual de Weber na sociologia americana? A situação é um tanto contraditória. Por um lado, ele é respeitado como um dos grandes clássicos, e as pessoas sabem que devem citá-lo e fazer referências ao seu trabalho em seus artigos. Por outro lado, porém, há uma forte tendência, nos Estados Unidos de hoje, de ignorar os clássicos e deixar qualquer um no departamento ensinar *teoria sociológica*. Isso, certamente, significa que as pessoas que leram, pelo menos, *A Ética Protestante* e algumas páginas a mais escritas por Weber, de repente, se sintam aptas para introduzir os estudantes num trabalho que é imensamente difícil e desafiador. O resultado final torna-se um Weber simplificado que é muito menos interessante do que o verdadeiro Weber. Isso é uma triste situação. Esperamos, porém, que seja somente uma fase na sociologia americana. Seria irônico se a sociologia americana fosse a primeira a redescobrir Weber e, depois, enterrá-lo.

## NOVOS CONCEITOS EM PERMANENTE GESTAÇÃO

### Entrevista com Wolfgang Schluchter

O professor Dr. Dr. honoris causa Wolfgang Schluchter, nascido em 4 de abril de 1938 em Ludwisburg, na Alemanha, concedeu entrevista ao **IHU On-Line**, por e-mail. Publicamos trechos da entrevista a seguir, e disponibilizamos a íntegra das respostas em alemão no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Proximamente publicaremos a entrevista completa em português. Tendo estudado nas Universidades de Stuttgart, Tübingen e Munique e na Freien Universität Berlin os cursos de Sociologia, Ciências Econômicas, Ciências Políticas e Filosofia, o professor Wolfgang diplomou-se e doutorou-se na Freien Universität Berlin, com habilitação na Universidade de Mannheim, Alemanha. Atualmente é professor de Sociologia na Universidade de Heidelberg, desde 1976. Antes disso, foi professor de Ciências Sociais na Universidade de Düsseldorf. De 1997 até 2002, esteve em missão na Universidade Erfurt, onde foi pró-reitor de Pesquisa e Nova Geração Científica e também foi diretor de Estudos da Cultura e Ciências Sociais do colégio Max-Weber. É autor de, entre outros, **Entscheidung für den sozialen Rechtsstaat. Hermann Heller und die staatsrechtliche Diskussion in der Weimarer Republik**. [Decisão por um estado de direito social. Hermann Heller e a discussão teórica estatal na República de Weimar]. Colônia-Berlim: Kiepenheuer e Witsch, 1968, 2.ed.1983; **Aspekte bürokratischer Herrschaft. Studien zur Interpretation der fortschreitenden Industriegesellschaft**. [Aspectos de um domínio burocrático. Estudos para a interpretação da sociedade industrial em desenvolvimento.], Munique 1985; **Die Entwicklung des okzidentalen Rationalismus. Eine Analyse von Max Webers Gesellschaftsgeschichte**, [O desenvolvimento do racionalismo ocidental. Uma análise da história da sociedade de Max Weber.] Tübingen: Siebeck, 1979. Nova edição sob o título: **Die Entstehung des modernen Rationalismus. Eine Analyse von Max Webers Entwicklungsgeschichte des Okzidents**, [A criação do racionalismo moderno. Uma análise da história do desenvolvimento do Ocidente de Max Weber] Frankfurt: Suhrkamp, 1998; **Max Weber's Vision of History: Ethics and Methods** [Visão da História por Max Weber: Ética e Métodos.](junto com Guenther Roth), Berkeley: University of California Press, 1979, 2.ed.1984; **Rationalismus der Weltbeherrschung**, [Racionalismo do domínio mundial.] Frankfurt: Suhrkamp, 1980; **Religion und Lebensführung**, [Religião e modo de vida.] Frankfurt: Suhrkamp, 1988, Edição específica para estudos acadêmicos 1991. Vol. 1: **Studien zu Max Webers Kultur- und Werttheorie**. [Estudos sobre a cultura e teoria de valores de Max Weber.] Vol. 2: **Studien zu Max Webers Religions- und Herrschaftssoziologie**. [Estudos sobre a sociologia da religião e do domínio de Max Weber.]; **Rationalism, Religion, and Domination. A Weberian Perspective** [Racionalismo, Religião e Dominação: Uma Perspectiva Weberiana], Berkeley: University of California Press, 1989; **Paradoxes of Modernity. Culture and Conduct in the Theory of Max Weber** [Paradoxos da Modernidade. Cultura e Conduta na Teoria de Max Weber], Stanford: Stanford University Press, 1996; **Unversöhnliche Moderne** [Modernidade irreconciliável.], Frankfurt: Suhrkamp, 1996; **Neubeginn durch Anpassung? Studien zum ostdeutschen Übergang**, [Novo começo através da adequação? Estudos sobre a transição leste alemã.] Frankfurt: Suhrkamp, 1996.

**IHU On-Line - Max Weber ainda pode ser considerado um dos paradigmas da sociologia? Quais os conceitos formulados por ele que ainda mantêm o vigor teórico?**

**Wolfgang Schluchter** - De fato, existe algo como o "Paradigma –Weber", que se encontra em concorrência com outros paradigmas da sociologia, como, por exemplo, com a teoria do sistema, com a teoria da ação comunicativa, mas também com teorias que utilizam e ampliam, especialmente, as possibilidades do princípio econômico. Recentemente, meus colaboradores publicaram um livro com este nome, do qual, além dos editores, participaram 17 cientistas de diferentes países e disciplinas. (*Das Weber-Paradigma* [O Paradigma-Weber]. Tübingen: J.C.B. Mohr (Paul Siebeck) 2003). A organização deste livro fornece informações sobre a abrangência desse princípio: I. O Paradigma-Weber em Heidelberg; II. Teoria da Ciência e Teoria do Valor;

III. Ação e Comportamento; IV. Cultura e Modo de Vida; V. Instituições e Organizações. Eu mesmo, contudo, evito o conceito paradigma, porque este, através dos antigos trabalhos de Thomas Kuhn<sup>9</sup> não é adequado à situação de concorrência, desenvolvido na formação da teoria sociológica. Em vez disso, utilizo o conceito do programa de pesquisa<sup>10</sup> cunhado por Imre Lakatos<sup>11</sup>. Minha interpretação foi levada em conta no subtítulo do livro mencionado, com o seguinte teor: “Estudos para a continuidade do desenvolvimento do programa de pesquisa de Max Weber”. Do meu ponto de vista, trata-se de uma sociologia compreendida que, no ramo de um princípio individualista-estruturalista, segue as relações de ação, ordem e cultura em perspectiva comparável e de desenvolvimento histórico. É um programa de pesquisa com um duro cerne kantiano (segundo Lakatos). O programa disponibiliza um sortimento de conceitos, com os quais as relações de estruturas e processos econômicos, jurídico-políticos, religiosos e sociais podem ser analisados em um maior ou menor âmbito. Nesta análise, a teoria da formação de conceito, defendida por Weber responsabiliza a compor constantemente novos conceitos fenomenalmente adequados, pois a formação de conceitos para este tipo de sociologia compreendida nunca pode ser definitiva. Em se tratando de uma sociologia que compreende nitidamente o agir social e as coordenadas da ação no seu decorrer e seus efeitos através disso, chama-se: 1. Motivos lógicos, que motivam aqueles que agem, devem ser tratados como causas. 2. As condições e ocasiões estruturais da ação, que possibilitam e restringem, devem ser observadas. 3. Os processos de transformação, que se formam do entrelace de inúmeras ações, devem ser analisados. Esta relação macro-micro-macro deve ser, finalmente, observada sob perspectiva multidimensional e através do significado subjetivo do conceito “restringido” de racionalidade (*bounded rationality*, segundo Herbert Simon<sup>12</sup>). Porém não somente processos de racionalização em diversos níveis interessam, mas também o seu oposto.

**IHU On-Line - É possível identificar, na sociologia contemporânea, teóricos ou escolas que ampliaram e atualizaram a contribuição de Weber, sem descaracterizá-la?**

**Wolfgang Schluchter** - A obra de Weber teve muitos efeitos sobre outros teóricos, sendo freqüentemente distorcido ou realmente mal-entendido. Para se obter uma visão, não apenas superficial da sua criação, deve-se, como com todos os grandes pensadores, realizar um estudo que dura por toda a vida. Por isso, a apropriação e, principalmente, a atualização e a ampliação de sua obra permanece com um desejo a ser realizado.

<sup>9</sup> KUHN, Thomas, *Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 2003, 8ª. edição. (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>10</sup> Forschungsprogramms no original alemão. (Nota do *IHU On-Line*)

<sup>11</sup> Imre Lipschitz Lakatos nasceu na Hungria em 1922, onde estudou física e astronomia. Lá foi assistente de György Lukacs. Perseguido politicamente pelos estalinistas, preso durante seis anos, foi para Inglaterra onde viveu até o final da sua vida, em 1974. Na Universidade de Cambridge obteve um segundo doutorado em filosofia da ciência. Em Londres foi discípulo de Popper e seu sucessor, quando este se retirou da cátedra de lógica da ciência e método científico na London School of Economics. Em português podem ser consultados LAKATOS, Imre. *Falsificação e metodologia dos programas de investigação*, Lisboa: Edições 70, 1999 e *História da Ciência e suas reconstruções racionais*, Lisboa: Edições 70, 1998. Para saber mais sobre I. Lakatos e sua teoria cf. <http://www.geocities.com/fylosofya/lakatos.htm> e <http://www.philosophy.ru/edu/ref/sci/lakatos.html> (Nota do *IHU On-Line*).

<sup>12</sup> Herbert A. Simon é um economista norte-americano que obteve o Prêmio Nobel de Economia em 1978 por sua pesquisa pioneira no processo de adoção de decisões nas organizações econômicas. Importante é o livro *Models of Bounded Rationality. Vol 3: Empirically Grounded Economic Reason*. Mit Press, 1997. (Nota do *IHU On-Line*)

**IHU On-Line - Qual é o legado de Weber para a formação, consolidação e posterior reunificação da nação alemã?**

**Wolfgang Schluchter** - Houve algumas tentativas de analisar o desenvolvimento da Alemanha no século XX - com as duas guerras mundiais, com o fracasso da República de Weimar, com o domínio nacional-socialista, com a divisão do país e a reunificação – a partir da perspectiva weberiana. Nesta análise, o ponto central era a análise sociológica da cultura e das instituições. Essa perspectiva está intimamente ligada à sociologia de Heidelberg, mas também se irradia sobre a história social alemã.

## DESTAQUES DA SEMANA

### Entrevista da Semana

#### O HUMANO MISTÉRIO

*O caderno Prosa e Verso do jornal O Globo, de 15 de maio de 2004, publicou uma longa entrevista com Leonardo Boff que reproduzimos a seguir. Leonardo Boff, teólogo e escritor, é professor emérito de ética da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). A entrevista foi realizada por Cecília Costa. No livro O Senhor é meu Pastor — no qual pela primeira vez publica poemas - Leonardo Boff destaca a força da oração em nossa sociedade predadora e competitiva. Lendo os salmos, o homem derruba as muralhas do império do desejo, saciando um pouco sua sede de infinito. Defensor do celibato por opção, para acabar com as perversões que abalam a Igreja Católica, Boff acaba de escrever um outro livro sobre São José, “figura bíblica anônima e humana, que trabalhava com as mãos em vez das palavras”. Ele espera que Lula, com seu carisma, ainda venha a exercer um papel revolucionário no mundo e no Brasil, aproveitando a oportunidade histórica que lhe foi concedida para mudar as predatórias regras do jogo. De Leonardo Boff IHU On-Line publicou um artigo na 54ª edição, de 7 de abril de 2003, e outro na 64ª edição, de 16 de junho de 2003.*

#### **Quando sairá seu novo livro sobre São José?**

**Leonardo Boff:** Em agosto. É uma pesquisa de vinte anos sobre a vida, a teologia e a significação de São José, que me demandou muito trabalho. Pesquisei grande parte do material em Montreal, cidade que tem a maior biblioteca sobre São José no mundo. Inclusive sermões dos Bispos de Ouro Preto e Mariana, de 1700. Lá existe um enorme santuário de São José e ao lado está a biblioteca, um centro de pesquisas onde você encontra textos de todos os séculos.

#### **Por que resolveu se dedicar a São José, figura bíblica misteriosa que costuma ser relegada a um segundo plano?**

**Leonardo Boff:** Quis pegar o lado não institucional do Cristianismo. O Cristianismo do poder, da hierarquia, é o Cristo, a figura do bispo, do Papa, e São José é o anônimo, não existe na Bíblia nenhuma palavra dita por dele. É preciso que exista lugar na Igreja para o cotidiano, para aquele que não usa as palavras, usa as mãos, trabalha, protege a família, vai para o exílio, com todas as agruras que isso significa. O segundo motivo, estritamente teológico, é que a minha visão do Deus cristão, como Trindade, quer superar a perspectiva ocidental, fragmentada, que vê cada uma das pessoas em separado, Pai, Filho, Espírito Santo, sem ver a relação entre elas. Na realidade, o que existe é uma família divina. Para mim, não é o Filho apenas que

encarna, é a família inteira que baixa. O Pai encarna em São José, o Filho em Jesus Cristo e o Espírito Santo em Maria...

#### **O Espírito Santo se torna feminino, então...**

**Leonardo Boff:** No hebraico, nos livros orientais, *ruah* é feminino. Em todas as línguas mediterrâneas o Espírito Santo é feminino.

**E a origem das religiões dos Livros está lá. O interessante é que essa falta de figura feminina no Cristianismo cria polêmicas sem fim. No livro "O código Da Vinci", há o resgate da figura de Madalena. Mesmo com toda a adoração medieval por Maria, a trindade não é feminina.**

**Leonardo Boff:** É, não há o elemento feminino. E a figura de Madalena é importante. Os evangelhos apócrifos, sobretudo o de Madalena e o de Filipe, falam dela como companheira de Jesus. No Brasil, esse evangelho apócrifo de Madalena, traduzido do grego, foi editado pela Vozes. Nele e no evangelho de Filipe, há uma linguagem com a qual a teologia tradicional não está habituada. Os apóstolos e Pedro dizem: "Por que você nos discrimina assim? Gosta mais de Maria Madalena do que de nós? Por que diz coisas a Madalena que não diz a nós?". E Jesus responde: "Não, o amor que tenho por ela tenho por vocês também". Filipe afirma que Jesus diante dos outros a beijava na boca, demonstrava grande carinho...

#### **Em que versão acredita?**

**Leonardo Boff:** Acho que temos que assumir a plena humanidade de Jesus. Como o dogma cristão diz que ele é verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus, ele viveu a dimensão da afetividade. Só uma cultura que malicia as relações pode ver algum desvio na relação que Jesus teve com o feminino. Acredito que tenha tido uma relação muito aberta com as mulheres. Discípulas o seguiam. Ele era liberalizante. E acho que isso tem que ser apreciado por um Cristianismo que se interesse pela integração humana.

#### **A Igreja nunca aceitará o fim do celibato? Não haveria melhora significativa no tocante às perversões?**

**Leonardo Boff:** Melhoraria muito, sim. Humanizaria a Igreja. Só uma Igreja clerical, patriarcal, celibatária e hierárquica vê razões espirituais e práticas para ter um quadro clerical celibatário. Ele se dedica totalmente à instituição. Mas paga um preço alto, o de desumanização e diminuição da credibilidade nas questões referentes à família, à sexualidade e ao afeto.

#### **Há uma ignorância emocional nos padres, uma inexperiência afetiva...**

**Leonardo Boff:** É...mas com isso não quero dizer que não existam padres que vivam o celibato de forma profundamente humana. O celibato, originalmente, nasce não de uma ausência de amor, mas de uma superabundância de amor. Mas é preciso saber realizar este amor na comunidade consciente da opção que se fez. De renúncia a uma sexualidade, mas não de renúncia à relação de afeto. Acho que o celibato trouxe à Igreja um enrijecimento em suas relações. Mesmo a Igreja Ortodoxa permite o casamento. Em suas várias versões, grega, russa, exige apenas o celibato dos monges. Entre eles, escolhe os patriarcas, os bispos. Mas os quadros clericais são casados.

#### **Na Igreja Católica, quando exatamente começou o celibato?**

**Leonardo Boff:** Sempre existiu como opção, o que seria o correto, opção. Mas a partir do século X, quando se criaram os estados nacionais, as universidades, ele começou a se impor.



Antes, a Igreja tinha uma estrutura rural, e o padre tinha filhos para enfrentar o trabalho no campo. Não havia seminários. Os seminários surgem com o Concílio de Trento, em 1500. A criança entrava no seminário com dez a 12 anos e era formada na visão eclesial. E aí o celibato era imperativo. Havia uma praxe na Igreja latina que determinava que todos os bispos fossem tirados da esfera do celibato. Os religiosos beneditinos, franciscanos e dominicanos eram sempre celibatários. Já para os padres seculares havia a opção. Mas o celibato foi sendo transformado em lei eclesial. Só que como lei pode ser mudada. Hoje há...

**Há uma grande discussão sobre isso, não? Saiu agora um livro na Alemanha sobre filhos de padres.**

**Leonardo Boff:** Sempre houve filhos de padres. Sob esse Pontificado, a questão do celibato é uma questão fechada. Não está em discussão. Assim como a moral matrimonial e sexual são temas proibidos. Creio que é ruim isso, pois a Igreja como instituição se desmoralizou muito com o homossexualismo. E o pior, com o crime da pedofilia, o abuso de crianças.

**Mas vamos a “O Senhor é o meu Pastor”, seu novo livro. Logo no início, menciona o medo brutal que aflige o Rio de Janeiro.**

**Leonardo Boff:** Todo texto vem de um contexto, e eu parti do contexto cultural brasileiro e mundial de hoje, da Humanidade ameaçada, de uma cidade vítima da droga e da violência e de uma crise para a qual não se vê saída a curto prazo. A sociedade está insegura, com medo, muitas são as vítimas de assaltos, as mortes. As pessoas sentem que o Estado não garante, a polícia não garante. Ninguém cria um ambiente de cuidado, em que a vida possa ser vivida com leveza. Neste contexto, a oração é uma das fontes de tranquilização, de entrega. E emerge a figura do Bom Pastor, o salmo 23. Duas imagens poderosas da tradição cristã, o Senhor é o meu Pastor...

**E Jesus é o Bom Pastor.**

**Leonardo Boff:** E hospedeiro. Aquele que acolhe com cuidado, oferece uma casa segura, alimenta, dá proteção. Neste contexto, faz sentido a pessoa que tem fé se entregar ao Maior. “Eu ando na palma da mão DELE”. E se este ELE não é um qualquer, mas Deus, e quer bem a seus filhos e filhas, “mesmo que eu ande no Vale da Morte, ainda o escuto, estou contigo”.

**Mas com total falta de valor em relação à vida, não fica difícil ter fé na oração? Você menciona em seu livro o império do desejo, que leva uma pessoa a matar por um relógio...**

**Leonardo Boff:** Esta situação cria a oportunidade para quem tem fé de dar um caráter existencial à fé. Não é só um enunciado doutrinário: “Deus é o meu Pastor”. Temos oportunidade de vivenciar isso em termos de uma confiança objetiva. Entregar-se a alguém que vai nos proteger... sair à rua sem medo. Bem, o segundo ponto é que surge uma chance para aprofundar a fé. Para aquele que não tem fé é aberta uma dimensão espiritual, que numa situação dessas faz sentido. O ser humano não controla todos os fatores, ninguém controla, nós estamos entregues ao arbitrário, ao fortuito, somos uma realidade quântica, virtual, cheia de possibilidades, inclusive as negativas. Mas posso reforçar pela fé as dimensões positivas, luminosas, que favorecem a vida. A pessoa pode se abrir para esta dimensão. Como disse Bergson. “Por causa de meu trabalho de filósofo, li milhares de livros em minha vida, mas nenhum me consolou tanto como o salmo “O Senhor é o meu Pastor, nada me falta”. Enfim, acho que é uma oportunidade de a pessoa desentranhar de dentro de si a dimensão espiritual, que não é monopólio das religiões. É um dado da antropologia, um dado do ser humano.

**O desejo ilimitado, infinito, que nenhum bem material vai satisfazer...**

**Leonardo Boff:** Mesmo os pensadores desligados de uma dimensão religiosa, como Freud ou Sartre, analisam o ser humano como desejo infinito. É um dado da existência humana, que cabe ser interpretado, pois o desejo quer realização. Continuamente estamos realizando desejos, mas nenhum tem a marca do infinito. Santo Agostinho, um dos pensadores mais angustiados do Ocidente, afirmou: “Eu só descanso, oh Senhor, enquanto repousar em ti”. Buscamos o obscuro objeto de desejo, o Ser Essencial, a totalidade que pode ser chamada de Deus, infinito, átomo, nirvana, energia.

**E Mistério...**

**Leonardo Boff:** Mas não é um Mistério que mete medo, é um Mistério que acolhe, marcado pela amorosidade. É isso que o ser humano busca, ser acolhido. Suponho que por trás do ateísmo está a dificuldade de a pessoa ser acolhida como ela é. A profunda percepção da solidão humana..

**A tecnologia e a informática, do seu ponto de vista, estão deixando o homem ainda mais solitário.**

**Leonardo Boff:** Há um preço de humanidade a ser pago para a tecnologia, para o mercado que transforma tudo em mercadoria, até a arte, o amor, a religião. As religiões hoje são religiões de mercado. Quem reúne mais gente, o padre Rossi ou Dom Maciel? Isto para mim desnatura a natureza da religião, que vive da gratuidade, da liberdade, da devoção.

**Assim como há o bom pastor, há o mau pastor, os políticos que usam e abusam da religião.**

**Leonardo Boff:** A tradição dos povos sempre entendeu o rei, o governante, como o pastor. Temos que resgatar esta categoria política que foi resgatada por Gandhi. Ele dizia que fazer política é cuidar do povo, alcançar o bem comum.

**Comenta-se que Lula tem dado mais importância ao mercado e ao superávit fiscal que ao social. Ainda tem esperanças em Lula?**

**Leonardo Boff:** Acredito no carisma de Lula, que ele seja capaz de fazer mudanças essenciais. Mas vejo um descompasso entre responsabilidade fiscal e social. O que está ganhando é a responsabilidade fiscal. Mas Lula faz um discurso que é um discurso do cuidado, e não no sentido paternalista, do pai que cuida das crianças, mas de quem cuida da vida, dos meios da vida. Prometeu ao povo resgatar este sentido ético da política, garantir o trabalho, o salário. E isto não está sendo alcançado. Mas creio que Lula vai se dar conta da seguinte contradição: há 20 anos não crescemos e existe desemprego no Brasil. Alguma coisa está profundamente errada no modelo econômico e social. Tem que ser mudado.

**Difícil romper com o FMI e com o Banco Mundial.**

**Leonardo Boff:** É difícil, mas Lula foi eleito para ter esta ousadia, a ousadia de dizer aos bancos: “Nós vamos pagar, mas não agora. O banco pode esperar, mas o faminto, não. O desempregado não pode esperar. Eu vou criar um tipo de economia que me permita atender às demandas básicas do povo. A partir disso, é que vamos fazer os pagamentos da dívida interna do sistema financeiro brasileiro e da dívida internacional junto aos bancos credores”. Acho que ele teria cacife para fazer isso.

**Acha que se Lula não caminhar neste sentido perderá um momento histórico? Tem de negociar, não? Impossível se isolar.**

**Leonardo Boff:** Exatamente. Tem que negociar com os bancos. Não existe possibilidade de ruptura. Eu penso que o outro ponto que daria muita força ao Lula na política externa é dialogar mais com a sociedade civil mundial. A partir de um discurso ético: “Estamos, no Brasil, combatendo a fome e criando uma política social que inclua os incluídos“. A opinião européia está esperando por isso.

**Mas fez isso no G-8, em Davos, em Porto Alegre e continua a fazer...**

**Leonardo Boff:** Mas faz a nível dos governos, dos bancos. Tem que fazer a nível da sociedade civil mundial, que vai pressionar seus governos, suas empresas, para terem uma sensibilidade ética. Lula tem tentado ganhar adesão para um projeto brasileiro cuja relevância não é apenas brasileira, é mundial. A idéia de taxar as armas era boa. Criaria um fundo que erradicaria a fome, a falta de moradia e saúde das populações mundiais. As políticas mundiais não atendem ao interesse da maioria. Falta uma percepção da gravidade da crise social e ecológica.

**Boff, você continua preocupado com a questão da Terra, que chama de Gaia...É meio pagão? Crê em Ceres?**

**Leonardo Boff:** Eu sou do Cristianismo originário e popular, que sempre entende a Terra como vida, nunca como algo morto. Algo generoso. O povo entende a Terra como algo com beleza, com vontades. E essa compreensão, a partir de meus contatos sistemáticos com o MST, é que está na cabeça dos que querem a reforma agrária no meio popular. A nível de governos, a compreensão da Terra é de meio de produção, objeto. Os Sem Terra vêem na Terra beleza, o ciclo da natureza. É uma relação viva.

**O Abril Sangrento atingiu o Governo quando estava fragilizado com a questão do Waldomiro. Não foi má-fé?**

**Leonardo Boff:** Se nós nos dermos conta da gravidade da questão social, se olharmos a crise do povo desempregado, sem terra, e a abundância de terras deste país, a pressão não é descabida. Descabido é o acúmulo de terras improdutivas que o latifúndio mantém. São 1, 2 milhão de latifundiários que possuem mais de 60% das terras brasileiras. Esta relação desigual justifica a urgência desta reforma. Eu acho que Lula podia fazer, assim como fez com a Previdência, um projeto no Congresso de extrema urgência, com grande impacto de capitais e legislação ágil. Fazer a reforma agrária de forma definitiva e cabal.

**Mas o Governo diz que tem feito muitos assentamentos...**

**Leonardo Boff:** Fez. Mas deixou a meio caminho. Distribuiu terra e cesta básica. Mas não deu condições de produção, sementes e preço. As pessoas estão na terra mas não produzem. Vivem como indigentes. Essa não é uma reforma agrária. Tem que dar a capacidade de produção. Todos os grandes países que fizeram sua revolução industrial passaram pela reforma agrária, México, França, EUA, Itália, e nós não a fizemos. É um passo necessário. E não vale argumentar que nos EUA apenas 2% da população vive no campo, por causa da agricultura intensiva. Essa é uma visão meramente capitalista da produção agrícola. Nossa visão é a integração do homem no campo, com outra compreensão da terra, da relação do ser humano com a natureza. Não é uma relação utilitária. É uma relação humana.

**Acha que se o problema da terra fosse resolvido ajudaria a reduzir a violência nas cidades? Ou não há uma ligação tão direta?**

**Leonardo Boff:** Acho que tem ligação, sim. Uma reforma agrária bem conduzida desinflaria as cidades. Há uma cultura campesina, as pessoas querem viver no campo. Há uma saudade da terra. E grande parte das pessoas que vivem nas periferias das grandes cidades é de cultura rural. Perdem as raízes camponesas e não adquirem raízes urbanas. Há um processo de desidentificação. Uma reforma agrária eficaz desinflaria as cidades, ao assentar as pessoas no campo. Com o povo trabalhando e produzindo na área rural, diminuiria enormemente os índices de violência urbana.

## Deu nos jornais

### Mutirão por um novo Brasil – 4ª Semana Social Brasileira

“Mutirão por um novo Brasil’ reflete opção da Igreja Católica” é a manchete da notícia publicada pela agência **Carta Maior**, 7-5-04. A notícia se refere ao Seminário Nacional, convocado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, que abriu o processo da 4ª Semana Social Brasileira, com o tema *Mutirão por um novo Brasil*. O Seminário realizou-se em Brasília, nos dias 6 a 9 de maio de 2004. Quatro grandes eixos temáticos foram analisados no seminário: *O Estado e o seu papel*, assessorado pela professora Tânia Bacelar - UFPE; *Soberania versus Império*, assessorado por Marcos Arruda – Pacs/RJ, *Forças Sociais*, assessorado pelo professor Rudá Ricci - PUCMG e *Exclusão Social e Trabalho Precário*, assessorado por Inácio Neutzling, coordenador do IHU, Unisinos. A 4ª Semana Social Brasileira também foi o tema do artigo de D. Luciano Mendes de Almeida, publicado no jornal **Folha de S. Paulo**, 8-5-04 e da entrevista de D. Demétrio Valentini, publicada na revista **Carta Capital**, 12-5-04. Segundo a agência **Carta Maior**, as Semanas Sociais foram iniciadas “em 1991, com o tema do trabalho. O processo institucional de diagnóstico, identificação de desafios e proposição de caminhos para a realidade brasileira se repetiu de 1993 a 1994 (sob o lema: *O Brasil que queremos*) e voltou a se realizar, pela última vez, no triênio 1997-1999, com enfoque na dívida externa. No seu conjunto, as semanas sociais foram fundamentais, entre outras manifestações práticas, para o lançamento do Grito dos Excluídos, do Plebiscito Nacional da Dívida Externa e da Campanha Nacional contra a Área de Livre Comércio das Américas (Alca). A 4ª Semana Social Brasileira, portanto, vem cinco anos depois do encerramento do ciclo do encontro anterior e definirá uma agenda de mobilizações do nível nacional ao local que vai até 2006”.

### Turbulência cara

“As turbulências enfrentadas pelo mercado financeiro, na semana passada, custaram R\$ 10 bilhões ao governo. Esse é o impacto da recente alta do dólar sobre a dívida pública, de acordo com estimativa feita a partir de dados fornecidos pelo Banco Central. O efeito da desvalorização do real nas contas públicas reflete a dolarização de parte do endividamento do setor público - aproximadamente um terço da dívida de R\$ 925 bilhões é corrigido pela moeda dos Estados Unidos. Logo, qualquer oscilação da cotação do dólar tem impacto sobre as finanças do governo. Na semana passada, a alta foi de 3,6% - passou de pouco menos de R\$ 2,96 para R\$ 3,05, considerando a taxa de câmbio média aferida pelo Banco Central e usada de parâmetro para o cálculo da dívida. Em cinco dias úteis, a alta do dólar corroeu praticamente todo o esforço fiscal feito por União, Estados, municípios e estatais em janeiro e fevereiro - quando o

superávit primário (economia do governo para pagamento de dívida) totalizou R\$ 10,245 bilhões”. A notícia foi publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 10-5-04.

### **Quem recebe juros ganhou 26% a mais do que os assalariados**

Quem recebe juros - bancos, empresas, investidores e algumas instâncias de governo - ganhou 25,8% a mais do que os assalariados no primeiro ano do governo Luiz Inácio Lula da Silva. “O trabalhador sempre perdeu para o rentista na história do Brasil. Mas no governo Lula está perdendo o dobro do que na média dos últimos 20 anos”, diz o economista Reinaldo Gonçalves, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), segundo o jornal **Folha de S. Paulo**, 9-5-04. Gonçalves é autor de um estudo que analisa a relação entre juros e salários de 1983 a 2003. Segundo ele, a diferença entre os ganhos financeiros e a variação dos salários configura transferência de renda dos trabalhadores aos rentistas. “A transferência de renda no governo Lula só é menor do que a que ocorreu no governo Figueiredo [1979-1985]”, afirma. Naquele período, o ganho anual dos rentistas foi 29,4% superior ao dos assalariados.

### **Cai participação dos salários no PIB em dez anos**

A participação da remuneração dos empregados no total do PIB teve uma dramática redução nos últimos dez anos, revela estudo de Adriana Nunes Ferreira, economista da Unicamp. A primeira queda abrupta ocorreu em 1994, ano do Plano Real. A remuneração dos empregados correspondeu a 40% do PIB - queda de cinco pontos percentuais em relação ao ano anterior. Segundo dados do IBGE, em 1995, primeiro ano do governo Fernando Henrique Cardoso, os rendimentos dos empregados representaram 45,7% do PIB, totalizando R\$ 247,1 bilhões. Em contrapartida, os juros recebidos pelos agentes econômicos corresponderam a 39,3% do PIB e totalizaram R\$ 212,5 bilhões. Em 2002, último ano da era FHC, os juros recebidos pelos rentistas totalizaram R\$ 879,1 bilhões ou 65% do PIB. A maior fatia, 75%, ficou com as empresas financeiras (R\$ 661,6 bilhões), seguidas das empresas não-financeiras (R\$ 89,7 bilhões). Já a participação da remuneração dos empregados totalizou R\$ 486,7 bilhões e caiu para 36% do PIB em 2002. A notícia foi publicada pela **Folha de S. Paulo**, 9-5-04.

### **Dinheiro minguado**

Nos quatro primeiros meses do ano, o governo federal só conseguiu executar 1,7% dos recursos do Orçamento destinados a investimentos. Levantamento feito no Sistema Integrado de Administração Financeira (Siafi) mostra que os investimentos em infra-estrutura continuam com execução próxima a zero, sobretudo na área de transportes. Do total de R\$ 12,4 bilhões aprovados pelo Congresso para investimentos em geral, só foram gastos R\$ 215, 3 milhões até 30 de abril. A notícia completa e detalhada pode ser lida no jornal **O Globo**, 11-5-04.

### **“O Bolsa-Escola pode se transformar em Bolsa-Esmola”**

A opinião é de Cristovam Buarque, ex-governador do DF, ex-ministro da Educação e senador por Brasília em entrevista ao **Jornal do Brasil**, 9-5-04. Cristovam foi o formulador do *Bolsa-Escola*, projeto que se espalhou pelo mundo. Para Cristovam, o programa “foi transformado, lamentavelmente, num programa de renda mínima. No governo Fernando Henrique, nunca se conseguiu fiscalizar a totalidade da frequência. Eu consegui aumentar bastante, mas ainda assim nunca conseguimos fiscalizar os 100%. Tenho escutado que, com a mudança para o *Bolsa-Família*, foi desarticulado o sistema que fiscalizava a frequência que a gente tinha implantado. Se for isso, aí vira ‘Bolsa-Esmola’. Porque o *Bolsa-Escola* não tem quase nenhuma importância pela renda. O que vai erradicar a pobreza não é pagar R\$ 40, R\$ 50, ou um salário

mínimo. O que vai tirá-lo da pobreza é concluir o Ensino Médio. Daí a importância da Poupança - Escola, que segura até o fim do Ensino Médio”.

### **Unctad e a importância da Conferência de São Paulo**

“A grande reunião quadrianual que a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) realizará em São Paulo, em meados de junho, será, neste ano, a única grande conferência econômica da ONU no mundo e a maior no Brasil desde a Cúpula da Terra, do Rio, em 1992”. Quem afirma é Rubens Ricupero, 67, secretário-geral da Unctad, no artigo *Oportunidade que não se repetirá tão cedo* - **Folha de S. Paulo**, 9-5-04. Continua Ricupero, “ela ocorrerá dentro do contexto externo descrito neste artigo e deverá ser caracterizada pelo reconhecimento da nova geografia do comércio e do amadurecimento da autoconfiança dos países em desenvolvimento”. No artigo, Ricupero comenta o crescimento do comércio mundial, a emergência dos países em desenvolvimento e o papel de liderança do Brasil. Ricupero destaca ainda que a Conferência, “marcará também o 40º aniversário, tanto da Unctad quanto do Grupo dos 77 e da China, que reúne os países em desenvolvimento nos foros econômicos. Será oportunidade decisiva e sem repetição tão cedo para a projeção internacional de São Paulo e do Brasil. Será, sobretudo, o cenário para o nosso país demonstrar ser uma força construtiva e moderadora no sentido de transformar as mudanças no mundo real da economia em resultados práticos nas negociações, que nos ajudem, a nós e aos outros, ou a consolidar o progresso já alcançado ou a reencontrar o caminho esquecido do desenvolvimento acelerado e estável”. Rubens Ricupero estará na próxima semana na Unisinos proferindo a primeira conferência no **Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI**.

### **Trinta anos do assassinato de Carlos Mugica**

“Agora temos que estar mais do que nunca com o povo”, disse Carlos Mugica, padre, a uma enfermeira do Hospital Salaberry de Buenos Aires, pouco antes de morrer, na noite do sábado, 11 de maio de 1974. Minutos antes, na porta da paróquia de S. Francisco Solano, em Flores, o padre das favelas, que tinha se convertido no obstinado defensor dos pobres e na emblemática figura do Movimento dos Sacerdotes para o Terceiro Mundo, tinha recebido o impacto de cinco balas de metralhadora da Tríplice A, organização terrorista de extrema direita, coordenado por José López Rega”. Assim inicia a longa reportagem em memória do padre Carlos Mugica, publicada no jornal argentino **Página/12**, 12-5-04. A ampla e bela reportagem é assinada pelo conhecido jornalista argentino, que já esteve aqui na Unisinos participando de uma reunião de jornalistas, Washington Uranga. A reportagem pode ser lida na íntegra no sítio: **[www.pagina12.com.ar](http://www.pagina12.com.ar)** A reportagem conclui assim: “Trinta anos depois do seu assassinato, o padre Carlos Mugica continua sendo um símbolo do compromisso cristão com os pobres. Assim o testemunham muitos dirigentes sociais e políticos que o conheceram e grande quantidade de comunidades eclesiais que o seguem invocando como uma referência”. A reportagem reproduz uma oração de Mugica que inicia assim: “Senhor, perdoa por ter-me acostumado a ver as crianças que parecem ter oito anos, e, na verdade, têm treze”.

### **Classe média encolhe e fica cada vez mais pobre**

Um estudo, cruzando dados de escolaridade e renda do brasileiro, confirma o que a população já sentia na pele: a classe média brasileira é cada vez menor e está mais pobre. Quase 20% das pessoas com educação de nível superior foram expulsas desta camada da renda e não ganham mais do que R\$ 500 por mês. Outro dado surpreendente do estudo, divulgado pelo professor Waldir Quadros, do Instituto de Economia da Unicamp, é que a renda média das

pessoas com nível superior caiu 25% entre 1981 e 2002, recuando de R\$ 2.921 para R\$ 2.203. “Desde a década de 1930 não se via no País uma crise tão prolongada. O pior é que não vejo nada indicando que este quadro se reverterá. Enquanto o País não voltar a crescer de forma consistente, a classe média continuará empobrecendo”- afirma Quadros. Segundo o professor, o grande vilão desta situação é o desemprego, que provoca a perda de renda da população. Por isso, a volta do crescimento da economia é tão importante. No período da pesquisa, o crescimento econômico médio foi de apenas 2% - taxa considerada pelo economista absolutamente insuficiente para as necessidades do País. A íntegra da reportagem pode ser lida no **Jornal do Brasil**, 12-5-04.

### **Brasil foi alvo de ataque especulativo nos últimos dias**

A economia brasileira foi alvo, sim, de um ataque especulativo do mercado financeiro nos últimos dias. O alerta merece ser ouvido: vem de ninguém menos que o ex-ministro Luiz Carlos Bresser Pereira, assustado com a falta de motivos consistentes para uma disparada tão repentina do dólar e queda da bolsa nos últimos dias, interrompida pela correção de 11 de maio. “Não há fundamentos que justifiquem tamanho ajuste de preços da noite para o dia. Nem mesmo a perspectiva de alta dos juros americanos. O mercado agiu em efeito manada. Não chegou a ser algo orquestrado, mas os agentes exageraram na análise”. A notícia está publicada no **Jornal do Brasil**, 12-5-04. Segundo Bresser Pereira, “a fragilidade da economia brasileira deriva hoje principalmente da taxa Selic, que continua a aumentar a dívida pública. Por isso, o Banco Central cometerá um grave erro se atender o mercado financeiro, que já elevou os juros futuros, e interromper a baixa da Selic, seja ‘para atrair capitais’ ou ‘para baixar a inflação’. Só estará alimentando o ataque irracional, que morrerá por si só”. O ex-ministro observa que parte do esforço está sendo feito na taxa de câmbio mais realista do que em 2002. Isso não é tudo, mas já é um início, opina Bresser Pereira. O problema, acrescenta, é que fica faltando um ajuste mais rigoroso nas contas externas e ainda bem mais profundo na dívida interna. Com a queda dos juros, sobrariam mais recursos para reduzir parte da imensa dívida (que já soma 57,4% do PIB) e também para investimentos públicos. Segundo ele, “estamos gastando cerca de 10% do PIB apenas com o pagamento de juros. Se vier a forte queda que eu imagino ser possível da taxa básica, esta conta pode despencar para algo como 3% do PIB. Aí poderíamos pegar metade da economia feita e reduzir a dívida do governo. E uma parcela iria para investimentos públicos”.

### **AIDS: uma “catástrofe social”, segundo a OMS**

O mundo não está preparado para lidar com os impactos sociais e econômicos da Aids, que já matou mais de 20 milhões de pessoas nos últimos 25 anos. O alerta foi feito dia 11 de maio de 2004 pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que dedicou seu relatório anual exclusivamente à Aids. A notícia está publicada nos jornais **O Globo**, **El País**, **Repubblica**, **Libération**, entre outros, no dia 12-5-04. A agência afirmou que se as nações não se unirem para combater a doença, a Aids vai destruir todas as esperanças de uma vida melhor para as milhares de pessoas que vivem em pobreza absoluta, inclusive as que não estão doentes. Um, em cada 12 africanos, tem Aids. De acordo com o relatório anual da OMS, “o mundo está longe de estar preparado para o que está por vir”: catastróficas conseqüências econômicas e sociais para muitas comunidades e países, se a epidemia continuar fora de controle. “Embora seja um inimigo conhecido nos últimos 20 anos, somente agora o vírus HIV está sendo visto como o que realmente é: uma ameaça única à sociedade, cujo impacto será sentido por gerações futuras”, assinala o relatório.

### Monsanto suspende o trigo transgênico

A empresa de biotecnologia americana Monsanto anunciou, no dia 11 de maio, a suspensão de seu projeto para o desenvolvimento da primeira variedade de trigo transgênico. Segundo nota divulgada pela empresa, a decisão foi tomada depois de consultas a produtores e compradores do mercado interno e externo. A notícia está publicada nos jornais **O Globo**, **Repubblica** e **Libération** de 12-5-04. Segundo **O Globo**, a empresa, no entanto, vinha sofrendo pressão de consumidores e ambientalistas. Especialistas em mercado haviam alertado a Monsanto de que tamanha resistência ao produto poderia provocar a redução no volume das exportações. A Monsanto vinha desenvolvendo há seis anos o trigo Roundup Ready, modificado geneticamente para tolerar o herbicida Roundup, fabricado pela empresa. Somente para este ano fiscal o investimento previsto no projeto era de US\$ 5 milhões. O jornal italiano **Repubblica**, 12-5-04, reproduz a alegria dos agricultores italianos que afirmam: “O pão e as massas estão garantidos!”.

### Jornada de Agroecologia - Terra livre de transgênicos e sem agrotóxicos

Aconteceu, na semana passada, a Jornada de Agroecologia, em Ponta Grossa, PR. Economia capitalista e ética ecológica, Terra, Água, Sementes, Memória das lutas libertárias, Resgate da cultura camponesa, Papel da educação na construção de um projeto soberano para a agricultura e Marcha ao Centro de Agroecologia são algumas das atividades e temas dos seminários e conferências, realizados nos dias 12 a 15 de maio. Entre os assessores e conferencistas, estiveram: João Pedro Stédile, líder do MST, Plínio de Arruda Sampaio e Alfredo Wagner, antropólogo da UFF, Pat Roy Mooney, do Canadá, Elisabeth Bravo, do Equador, Jean Marc Von der Veid, da AS-PTA/RJ, Teresa Urban, ambientalista, e Inácio Neutzling, coordenador do Instituto Humanitas Unisinos.

### O fantástico lucro dos bancos

O lucro líquido dos três maiores bancos privados do País aumentou 22,3% no primeiro trimestre do ano e totalizou R\$ 1,761 bilhão. Esse resultado, anualizado, projeta um lucro de R\$ 7,044 bilhões para as três instituições. No ano passado, elas lucraram R\$ 6,510 bilhões. Os dados foram levantados pela ABM Consulting, a pedido da **Folha**, e consideram os resultados consolidados do Bradesco, do Itaú e os divulgados dia 13 de maio pelo Unibanco. Se forem incluídos o Banespa e a Caixa Econômica Federal - que já divulgaram o balanço trimestral -, a safra de lucros chega a R\$ 2,492 bilhões. A notícia está publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, 14-5-04.

### O mapa político da Índia muda radicalmente

“O clã dos Gandhi retorna ao poder na Índia, depois da vitória inesperada do Partido do Congresso (CP), de centro-esquerda. Sonia Gandhi poderá se tornar a primeira ministra do país, se o seu grupo chegar a um acordo com forças políticas menores”, informa o **El País**, 13-5-04. O jornal espanhol afirma que, “o mapa político da Índia depois das eleições mudará radicalmente. A maior democracia do mundo deixará de ser governada pelos nacionalistas integristas hindus do BJP, partido do atual primeiro-ministro Vajpayee e seus aliados do NDA, uma coalizão de 22 partidos, e passará a ser dirigido pela tradicional dinastia Nehru-Gandhi, que governou a Índia durante 40 anos e que agora voltará a ser a principal força do país. Sonia Gandhi, de origem italiana, adquiriu a nacionalidade indiana ao casar-se com Rajiv Gandhi, assassinado quando era primeiro-ministro em 1991”.



### Impressões sobre Lula e Kirchner, segundo Galeano

“Lula está governando mais para as grandes empresas do que para as pessoas”. A opinião do escritor Eduardo Galeano foi feita em um debate na cidade de Barcelona no lançamento do seu mais recente livro ***Bocas del tiempo***, informa matéria do ***Clarín***, 13-5-04. Para Galeano, trata-se de uma grande frustração em função do “enorme otimismo que o presidente brasileiro criou no mundo, dada a sua condição operária”, mas pediu que não se condenasse o governo Lula e que se dê tempo para avaliar o seu projeto. Por outro lado, se mostrou surpreso com a gestão do presidente argentino: “não dava nada por Kirchner e já se converteu em um fenômeno que tem criado um novo entusiasmo nesse país sul-americano, graças a uma série de medidas corajosas com as quais concordo”.

### “O País é cheio de contradições”

“O País é cheio de contradições, mas há aqui duas lojas da Tiffany e existem mais unidades da Mont Blanc em São Paulo do que em Paris”, afirma Carla Fernandes, executiva de marketing da companhia Cyrela, sobre o lançamento de residências de luxo na zona sul de São Paulo. “Num dos lançamentos - o edifício Parque Alfredo Volpi -, o preço médio dos apartamentos é de R\$ 10 milhões, valor suficiente para comprar pelo menos sete Ferraris 575 Maranello, as mais caras comercializadas atualmente”, informa a matéria da ***Gazeta Mercantil***, 13-5-04. O apartamento mais caro, uma cobertura, de 1,1 mil m<sup>2</sup> privativos, vale R\$ 19,5 milhões. “Estamos falando de uma elite que busca exclusividade, que está atenta ao que existe de melhor em moda e design”, afirma a executiva de marketing da companhia.

## Frases da semana

### A política econômica segundo José Alencar e João Pedro Stédile

“A crise social que atravessamos, talvez a maior de nossa história, não nos permite uma atitude contemporizadora, sob o risco de degenerar-se e transformar-se em crise política” - **José Alencar**, vice-presidente da República - ***Folha de S. Paulo*** e ***O Globo***, 11-5-04.

“Tudo o que se tem feito nos últimos anos tem sido no sentido de atender ao mercado financeiro internacional. Temos taxas de juros estratosféricas para atrair o capital financeiro especulativo”. - **José Alencar**, vice-presidente da República - ***Folha de S. Paulo***, 11-5-04.

“Isso nos leva a uma política fiscal irresponsável na medida em que o custo da dívida pública extrapola em muito o superávit primário, não obstante os níveis exagerados deste”. - **José Alencar**, vice-presidente da República - ***Folha de S. Paulo***, 11-5-04.

“Não acredito que Lula esteja de acordo com a política econômica. Não muda porque não tem força. Palocci disse que a atual política econômica é a continuidade do programa do Fernando Henrique Cardoso. Se eu fosse o Lula naquela situação, o demitiria por telefone, pois ele deveria ser ministro do Serra”. - **João Pedro Stédile**, líder do MST - ***Jornal do Brasil***, 10-5-04.

### Salário Mínimo

A questão do salário mínimo foi um erro político, econômico e social”. - **Paulo Paim**, senador (PT-RS) - ***Jornal do Brasil***, 9-5-04.

### Aposentadoria da dona de casa. Um absurdo!?

"Li no jornal algo que considero um absurdo: aposentadoria para dona de casa. Aposentadoria é para quem paga previdência. Aposentadoria é só para quem contribui para um fundo". – **Luís Inácio Lula da Silva** - *O Globo*, 14-5-04.

### A desvinculação da aposentadoria do salário mínimo: um desatino de ética

"A desvinculação do mínimo é um retrocesso completo. Foi a única indexação aceita pela Constituição: mudou o mínimo, muda o benefício. A razão foi evitar que ajustes macroeconômicos prejudicasse os benefícios. A "regra de ouro" foi respeitada nas duas reformas da Previdência, a de FHC e a de Lula. Falar agora em fazer uma outra reforma, para cortar os benefícios mínimos, é um desatino em termos de ética na política social" - **Guilherme Delgado**, economista, estudioso dos efeitos das políticas sociais sobre a distribuição de renda, técnico do Instituto de Pesquisa Econômica e Social e assessor do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional - *Folha de S. Paulo*, 117-5-04.

"O verdadeiro Fome Zero é a seguridade social" - **Guilherme Delgado**, economista - *Folha de S. Paulo*, 17-5-04.

"O pagamento de benefícios da Previdência é que efetivamente tira 19 milhões de pessoas da linha da pobreza. Você pega a linha da pobreza em dez anos, de 88 a 99: sem a Previdência, ela dá um pulo de dez pontos percentuais" - **Guilherme Delgado**, economista - *Folha de S. Paulo*, 17-5-04

### Insegurança privada

"Acredita-se que, das cerca de 1.600 empresas de segurança privada que atuam no Estado de São Paulo, aproximadamente 1.200 sejam irregulares. Grande número delas é de propriedade de ex-policiais, que contratam membros ativos da corporação como agentes ocasionais. Essa situação cria uma intolerável promiscuidade entre o público e o privado, com previsíveis conflitos de interesses". – Editorial *Insegurança privada* - *Folha de S. Paulo*, 12-5-04.

### George W. Bush: um presidente que não lê!

"Não olho os noticiários da noite na televisão, nem as intermináveis horas de programas de debate. Não leio as páginas de opinião nem os colonistas" - **George W. Bush**, presidente dos EUA em entrevista ao jornal *The Washington Times* - *Clarín*, 15-5-04.

"Quero ter uma visão clara das coisas. Poder ser muito frustrante prestar atenção a opiniões falsas ou a elementos que não são certos" - **George W. Bush**, presidente dos EUA, em entrevista ao jornal *The Washington Times*, justificando o motivo porque ele não lê - *Clarín*, 15-5-04.

### Kill Bill. Vol 1

"O Volume 1 nunca quis ser mais do que um filme de vingança, pura e simplesmente. Um filme de corte japonês, com ar de filme de Hong Kong e com tons de spaghetti western. Uma história de vingança onde tirei as partes mais chatas do gênero" - **Quentin Tarantino**, diretor do filme *Kill Bill*, Vol. 1 {o volume 2 já foi lançado nos EUA} e presidente do júri do Festival de Cannes, 2004 - *El País*, 26-4-04.

"Sou filho de mãe solteira, saída de um ambiente dos mais abandonados, de um povoado do Tennessee que, sem dinheiro nem educação, conseguiu superar todos os obstáculos e converteu-se numa executiva poderosa e exitosa. Sempre me rodearam este tipo de mulheres,

assim que acabei acreditando que não há nada que uma mulher não possa fazer" - **Quentin Tarantino**, diretor do filme *Kill Bill*, Vol. 1 {o volume 2 já foi lançado nos EUA} e presidente do júri do Festival de Cannes, 2004 - *El País*, 26-4-04.

### Juventude: conservadora ou moderna?

"Apelo à religiosidade de maneira nenhuma é conservadorismo. É uma necessidade básica de segurança que as pessoas têm. Desde que existe cultura existe sempre uma espécie de projeção no além vida, no sobrenatural, alguma coisa" - **Jurandir Freire Costa**, psicanalista comentando a pesquisa do Instituto da Cidadania sobre a juventude, na coluna de Merval Pereira - *O Globo*, 16-5-04.

"A adolescência está se espichando, hoje a gente é criança até os 15, adolescente até os 40. E depois vira jovem até morrer. Já dá para voltar do enterro de um amigo dizendo: morreu com tudo em cima, saradíssimo, sem celulite. Daqui a pouco o governo vai dizer que idoso feio e gordo vai ser proibido de sair na rua" - **Frei Betto**, comentando a pesquisa do Instituto da Cidadania sobre a juventude, na coluna de Merval Pereira - *O Globo*, 16-5-04.

"Quanto mais utopia na veia, menos droga. Nós escapamos das drogas porque éramos viciados em utopia. Fomos salvos das drogas pela guerra do Vietnã, pelo maio de 68, pelo Luther King, pela luta contra a ditadura" - **Frei Betto**, comentando a pesquisa do Instituto da Cidadania sobre a juventude, na coluna de Merval Pereira - *O Globo*, 16-5-04.

"Cadê os grêmios? Cadê o movimento estudantil? No caso das universidades, o movimento estudantil hoje é aparelhado por partidos políticos. Na nossa época, a UNE era autônoma, embora houvesse uma influência do Partido Comunista. Mas não era uma coisa voltada para eleição, era voltada para a combatividade" - **Frei Betto**, comentando a pesquisa do Instituto da Cidadania sobre a juventude, na coluna de Merval Pereira - *O Globo*, 16-5-04.

### Iraquianos torturados

"O EXERCÍCIO DO PODER É ERÓTICO" – **Contardo Calligaris**, psicanalista, no artigo 'As fotografias dos presos iraquianos' – *Folha de S. Paulo*, 13-5-04. (a frase em maiúsculo é do autor)

"O presidente Bush disse que achou as imagens de Lynndie e Charles "sickening", nauseabundas. Acredito. Mas, se ele ficou com vontade de vomitar, é porque as imagens devem ter-lhe lembrado, justamente, que o poder é uma fonte de gozo, sempre: goza-se com um preso na coleira, assim como se goza ordenando que comece um bombardeio ou que as tropas avancem" - **Contardo Calligaris**, psicanalista, no artigo 'As fotografias dos presos iraquianos' – *Folha de S. Paulo*, 13-5-04.

"Para nós, o poder é sempre erótico, e o erotismo é sempre atravessado pelo jogo do poder. Quem não quer saber disso se condena a um uso louco do poder, inocentado por suas pretensas melhores intenções" - **Contardo Calligaris**, psicanalista, no artigo 'As fotografias dos presos iraquianos' – *Folha de S. Paulo*, 13-5-04.

### A razão está com a mulher

"A razão maior costuma estar no depoimento da mulher. De um modo geral é o que ocorre. Em princípio, a razão está com a mulher" - **Leonel Brizola**, presidente nacional do PDT falando sobre as acusações feitas a Pompeo de Mattos, presidente estadual do PDT - *Zero Hora*, 15-5-04.

# EVENTOS IHU

Participe das atividades do Instituto Humanitas Unisinos

## Semana comemorativa marca edição 100 do *IHU On-Line*

O boletim eletrônico semanal do Instituto Humanitas Unisinos – *IHU On-Line* – promoveu na semana passada uma série de atividades abertas ao público em comemoração à sua centésima edição.

Durante toda a semana, a comunidade acadêmica pôde conhecer mais de perto a trajetória de dois anos e meio e as 100 edições de *IHU On-Line* na exposição comemorativa montada no Espaço Cultural, ao lado do IHU.

O professor Inácio Neutzling, coordenador do IHU, abriu o evento, fazendo a entrega oficial de três volumes encadernados do *IHU On-Line*, referentes aos números publicados nos anos 2001, 2002 e 2003, ao Pe. Lodomilo Mallmann, diretor da Biblioteca Central da Unisinos.

Durante a exposição, foram lançados, no dia 11 de maio de 2004, os primeiros cinco **Cadernos IHU**, mais uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos. Os números publicados foram os seguintes: n.º 1 - ***O Imaginário Religioso do Estudante na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos*** (Hilário Dick); n.º 2 – ***O Mundo das Religiões em Canoas*** (José Ivo Follmann, Adevanir Aparecida Pinheiro, Inácio José Sphor, Geraldo Alzemiro Schweinberger); n.º 3 – ***O Pensamento Político e Religioso de José Martí*** (Werner Altmann); n.º 4 – ***A Construção da Telerrealidade: O Caso Linha Direta*** (Sonia Montañó); e n.º 5 - ***Pelo êxodo da sociedade salarial – a evolução do conceito de trabalho em André Gorz*** (André Langer).

Houve sessão de autógrafos com os autores das publicações ao final do evento.

As revistas podem ser adquiridas na Livraria Cultural que se localiza ao lado do Instituto Humanitas Unisinos ou pelo endereço [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br)

### Bate Papo com os leitores

No dia 12 de maio de 2004, foi realizado um bate-papo com alguns leitores do *IHU On-Line*. Entre os presentes estavam o Prof. Dr. Fernando Althoff, coordenador do PPG em Geologia da Unisinos; Marcelo Freitas, bolsista da área de concentração Trabalho, Solidarieade e Sustentabilidade do IHU e aluno do curso de Ciências Sociais da Unisinos; Nestor Mayer, diretor do acervo de pesquisa da Fundação Cultural de Canoas, graduando em História na Ulbra e leitor assíduo do boletim; Rafael Gue Martini, funcionário da TV Unisinos e aluno do curso de Jornalismo na Universidade; o Prof. MS Miro Bacin, coordenador da área de Jornalismo da Agexcom da Unisinos, editor-chefe do site [www.portal3.com.br](http://www.portal3.com.br) e professor do curso de Jornalismo na Universidade; e o Prof. Dr. Attico Chassot, do PPG em Educação da Unisinos.

O Prof. Dr. Fernando Althoff, em seu depoimento, contou que acompanha o boletim desde 2002, quando as edições saíam coloridas, experimentando papéis diversos. Ele lembrou que, na época, era um boletim de 30 páginas, fácil de ler. “Eu recebia e, em pouco tempo, já tinha

lido. A última edição teve 64 páginas, agora não dá mais, tenho que levar para casa e lê-lo em outros momentos”. Para o professor, o que chama a atenção no **IHU On-Line** é a permanente mudança, com a pauta cada vez mais elaborada, não apenas reproduzindo textos, mas trazendo entrevistas produzidas pela equipe do boletim com pessoas da Unisinos, de outros lugares do Brasil e até de outras partes do mundo. “O último título diz o objetivo modesto do IHU: *Como salvar o planeta e a humanidade?* O boletim, ou revista, já que não podemos chamar mais ele de boletim, tem um charme na mistura que ele faz”. Para exemplificar essa mistura, Fernando Althoff lembrou da edição de número 63, que traz uma entrevista com Renato Janine Ribeiro, que também fala sobre a obra **Os Sertões**, sobre DNA, sobre o filme *Matrix*, sobre a vida do professor Carlos Alberto Gianotti, contando sua viagem a Santiago de Compostela, e uma carta do colega Attico Chassot falando sobre como a ciência é masculina. O professor encerrou seu depoimento pedindo que o **IHU On-Line** não abandone a editoria *IHU Repórter*. “Esse espaço me deu a oportunidade de conhecer muitas pessoas”.

O aluno Marcelo Freitas destacou que o boletim **IHU On-Line** não ficou como algo interno, restrito aos membros do IHU e saiu dessas fronteiras, cumprindo um papel muito importante: o de atrair pessoas, como se fosse o cartão de visitas do IHU e da Unisinos para a comunidade e até o exterior. “O **IHU On-Line** é um espaço que coloca em pauta questões e autores contemporâneos. Essa organização temática é muito propícia para os cruzamentos de autores e idéias, ilumina nossas discussões do dia-a-dia e faz com que elas avancem”, colocou.

Já Nestor Mayer, da Fundação Cultural de Canoas, lembrou que o boletim é rico pela grande variedade de temas, artigos e entrevistas. “Não é um veículo a mais; é um veículo que provoca a reflexão na sua diversidade de áreas. A equipe está de parabéns com um trabalho tão relevante, que não deve ser fácil de fazer”. Nestor Mayer escreve artigos em jornais e conta que o **IHU On-Line** lhe serve de inspiração para muitos deles. “O boletim convida a um efeito multiplicador, de passar para outros, pelo pensamento crítico construtivo que ele tem”, finalizou.

O funcionário da TV Unisinos e aluno de Jornalismo Rafael Gue Martini contou, durante o debate, que tem em casa edições antigas do **IHU On-Line**, como a que trazia Lutzenberger na capa. “Estamos na cultura da informação, mas, mais do que informação, o **IHU On-Line**, é um *clipping*. Ele vai direito aos meus interesses. Eu não leio jornais, e o boletim me cobre essa lacuna”. O jovem salientou a possibilidade de ler o pensamento de estrangeiros, como por exemplo na edição n.º 100, uma entrevista de Serge Latouche. “Se vocês não o entrevistassem, traduzissem e publicassem, eu nunca chegaria a ele, já que não entendo francês. Estão trabalhando para mim”, brincou Rafael, acrescentando que já indicou o boletim para muitas pessoas. Ele sugere que o boletim abra algum espaço mais popular, menos acadêmico, para que não seja exclusivamente universitário, e se torne acessível também a outros públicos.

O Prof. Dr. Attico Chassot se disse um apaixonado leitor do **IHU On-Line**, recomendando-o para seus alunos. Ele observou que as últimas edições de **IHU On-Line** trazem grande riqueza nas notas de rodapé, o que auxilia muito na compreensão dos temas. Ele relatou como ofereceu o Boletim a uma pessoa amiga que mora no exterior e precisava prestar um exame sobre realidade brasileira. “Ela me pediu alguns autores para se preparar para o exame. Eu disse que, com os boletins **IHU On-Line**, não lhe faltaria nada”.

O professor de Jornalismo Miro Bacin afirmou que o **IHU On-Line** teria que ser mais divulgado junto aos coordenadores de curso, para ser mais aproveitado nas salas de aula. Sugeriu também a partida para uma reforma gráfica e o abandono da característica online. “Destaco a atualidade do boletim. Imediatamente assim que o Pe. Clemente Steffen faleceu, já estava na capa do **IHU On-Line** uma reportagem sobre ele”.

João Carlos Tomm, pastor evangélico em São Leopoldo, esteve presente no debate e contou que conheceu o boletim no ano passado. Ele acha o **IHU On-Line**, ao mesmo tempo, instigante e frustrante. Instigante pelo seu conteúdo crítico, e frustrante porque nem sempre chega antes da hora de terminar a tiragem e sai do Instituto sem o boletim impresso. “Eu me apaixonei pela gama bem variada de assuntos. Gosto muito do *Sala de Leitura*. Os professores dão boas dicas”, afirmou.

Também durante a semana comemorativa do **IHU On-Line** número 100, foi inaugurada a exposição permanente das obras do Humanitas Arte no hall/recepção do IHU. A comunidade acadêmica pode comparecer no IHU e conferir as obras dos artistas Paulo Chimendes, Maria Tomaselli e Leandro Selister.

A exposição no Espaço Cultural foi encerrada na tarde da última quinta-feira, dia 13 de maio, logo após o **IHU Idéias** com o professor Carlos Arturi, da UFRGS.

## Cadernos IHU Idéias n.º 14

Está à venda na Livraria Cultural da Unisinos o n.º 14 da publicação **Cadernos IHU Idéias**. Trata-se do texto *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: A prática política no RS*, de Gunter Axt, doutor em História Social pela USP e professor na PUCRS. Apresentado no evento **IHU Idéias** de 9 de outubro de 2003, o texto examina a gênese do Estado burocrático-burguês no Rio Grande do Sul. O texto resume parte da tese de doutorado intitulada “Gênese do Estado burocrático-burguês no RS (1889-1929)”. Trata-se de uma versão ampliada de comunicação originalmente apresentada no Congresso Nacional da Associação Nacional de Historiadores - ANPUH, em julho de 2003, em João Pessoa, PB. O **IHU On-Line** n.º 78, de 6 de outubro de 2003, publicou uma entrevista com o autor do caderno, sob o título “É preciso criticar o discurso político construído”. Além da Livraria Cultural, os **Cadernos IHU Idéias** podem ser adquiridos pelo endereço eletrônico [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br)

## IHU Idéias

O Prof. Dr. Carlos Schmidt Arturi, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi o responsável por conduzir o tema *O declínio do regime autoritário e a redemocratização do Brasil* no último **IHU Idéias**, dia 13 de maio de 2004. O assunto correspondente a sua pesquisa de doutorado, na que estudou os dois últimos governos do regime militar, de Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo. Nessa análise, o professor abordou a estratégia de transição do regime militar para o regime democrático, com a posse de José Sarney como presidente eleito. “Ainda assim, podemos dizer que os cinco anos do governo de Sarney constituíram um regime ambíguo, que não foi nem militar, nem democrático”, salientou. Confira a entrevista com Carlos Arturi sobre o assunto, publicada na edição 100 do **IHU On-Line**, de 10 de maio de 2004.

## Ecoss do evento

“A apresentação superou as minhas expectativas pela riqueza de detalhes fornecidos pelo professor. Foi uma aula de história até para as pessoas que viveram nessa época. Pode perceber que – apesar do gosto humano pelo poder –, no fundo, todos queriam que a democratização fosse evidente”.

*Ricardo Pedro, aluno do curso de Direito da Unisinos.*

“Foi muito importante poder participar de uma palestra com um nível desses. O tema política brasileira me interessa muito, e o professor foi muito claro na retrospectiva histórica que fez da política nacional dos últimos anos, oferecendo um resumo muito rico dos fatos”.

*Andréia Dioxopoulos, aluna do curso de Psicologia da Unisinos.*

## **SÃO LEOPOLDO: ARQUITETURA MODERNA E PERSPECTIVAS DE PATRIMÔNIO**

A próxima edição de **IHU Idéias** será no dia 20 de maio. O tema "São Leopoldo: arquitetura moderna e perspectivas de patrimônio" será apresentado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Torres Rossari, das Ciências Exatas e Tecnológicas da Unisinos. Graduada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Tânia Rossari é mestre em Antropologia Social também pela UFRGS. Sua dissertação intitula-se "Lá não tem bagaceiro - Shopping Center Iguatemi - A função de um espaço coletivo como signo de identidade social". A professora Tânia será assessorada por Maroni Klein, acadêmica de Arquitetura na Unisinos. Confira, a seguir, a entrevista concedida por e-mail pela professora ao **IHU On-Line** na última semana.

**IHU On-Line - Quais as principais idéias que serão destacadas no tema São Leopoldo: arquitetura moderna e perspectivas de patrimônio - na próxima edição de IHU Idéias?**

**Tânia Rossari** - A idéia central é a de que não só existe uma arquitetura que se pode caracterizar como moderna na cidade de São Leopoldo, e que já passa por algumas fases, como também a de que alguns prédios merecem ser considerados bens patrimoniais, tanto em função do seu interesse arquitetônico intrínseco como devido ao papel que desempenham na experiência (passada e presente) da coletividade.

**IHU On-Line - Por que seu interesse em estudar a arquitetura de São Leopoldo?**

**Tânia Rossari** - O interesse é até mais amplo que estudar apenas a arquitetura. São Leopoldo tem sido demasiadamente enfocada como berço da colonização alemã - e isso é correto, mas há muitos outros temas - potencialmente ricos - que não têm sido abordados e que são necessários para se poder preencher grandes lacunas de informação sobre a história e as formas culturais do município. A arquitetura é um desses temas.

**IHU On-Line - De que forma o estudo da arquitetura de uma cidade ou de uma determinada época pode ajudar a conhecer mais a cultura dessa população?**

**Tânia Rossari** - Precisamente na medida em que a produção dos espaços onde se vive, trabalha, etc., é um reflexo dos valores, expectativas e comportamentos de uma comunidade. O mesmo se esclarece no "discurso" da população sobre sua arquitetura.

**IHU On-Line - De que forma o patrimônio arquitetônico e as mudanças sofridas ao longo do tempo podem ajudar a compreender a história de uma cidade?**

**Tânia Rossari** - Se entendermos por patrimônio os traços culturais, as evidências concretas, espaciais ou de qualquer outra natureza - de uma vivência cultural específica, então é óbvio. Em outras palavras: nas escolhas sobre o que deve ser valorizado e, portanto, preservado, uma coletividade define e/ou reafirma seus próprios valores. Algumas vezes, as mudanças na fisionomia urbana despertam a preocupação com bens que sempre estiveram ali, sempre fizeram parte de uma espécie de memória coletiva da cidade, mas que, por causas diversas (e a especulação imobiliária é apenas o fator mais referido), poderão desaparecer amanhã,

perdendo-se assim uma parte da identidade da própria cidade. Assim, ter consciência do patrimônio é uma forma de afirmar a consciência coletiva de uma comunidade.

***IHU On-Line* - Quais são as tendências mais predominantes na arquitetura hoje e o que eles nos dizem a respeito da sociedade contemporânea?**

**Tânia Rossari** - A sociedade contemporânea cada vez mais se afirma como uma sociedade de consumo, na qual o próprio objeto arquitetônico acaba sendo percebido, produzido e utilizado como um bem de consumo. Isso não impede que o mesmo tenha criatividade, caráter arquitetônico ou beleza. É justamente esse conjunto de qualidades, ou as linguagens usadas pela arquitetura contemporânea, que servirão como um discurso sobre a sociedade que as adota. A dimensão espacial da sociedade é um fato tão concreto quanto sua dimensão temporal, e a experiência da contemporaneidade, parece-me, tem sido profundamente marcada pelos seus novos espaços ou programas arquitetônicos, já que a arquitetura cria signos muito fortes, de grande visibilidade social. Os *shoppings* são um bom exemplo disso: espaços que refletem a sociedade, com suas formas de lazer, seus valores, seus rituais....

## AVISO

Não haverá ***IHU Idéias*** no dia 27 de maio em função do Simpósio Internacional *O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, promovido pelo IHU, e que estará ocorrendo desde o dia 24 de maio. O evento acontece todas as quintas-feiras, na sala 1G119 do IHU, das 17h30min às 19h, é gratuito e aberto a toda a comunidade acadêmica.

## Ciclo de Estudos sobre *O método* de Edgar Morin

Na última quinta-feira, dia 13 de maio de 2004, das 14h às 17h, na sala 1G119, foi realizado o segundo encontro do **Ciclo de Estudos sobre *O método*, de Edgar Morin**. Na ocasião, o Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho conduziu o *Seminário sobre O Método I: A natureza da natureza*. O professor e pesquisador na PUCSP concedeu uma entrevista ao ***IHU On-Line*** na 100.<sup>a</sup> edição sobre sua apresentação no **Ciclo de Estudos**.

### Ecoss do evento

“A palestra foi muito boa no que toca a questão da mudança de paradigmas, apresentando uma perspectiva humanista não no sentido antropocêntrico, questionando se é possível que somente o ser humano seja humano”.

*Jonas Scherer, aluno do curso de Filosofia da Unisinos.*

“Acho interessante a Unisinos proporcionar o contato com uma pessoa que traz tamanha bagagem de conhecimento, como é o caso do professor Edgard. Ele soube falar de conceitos importantes sempre com um olhar sobre a complexidade do pensamento de Morin”.

*Elisabete Matheus, aluna do curso de Geografia da UFRGS.*

“O professor conseguiu explicar muito bem o conteúdo e deu um excelente apanhado do tomo do livro *O Método*, que foi estudado, que me ajudou a começar a compreender. Destaco na apresentação dele a questão da ordem e da desordem, da organização em Morin”.



## Abrindo o Livro

Dia 19 de maio de 2004, das 19h45min às 22 horas, acontecerá mais uma edição do evento **Abrindo o Livro**. O Prof. MS Solon Eduardo Annes Viola, das Ciências Humanas da Unisinos, apresentará o livro **A Nova política de classes**, de Klaus Eder Traduzido por Ana Maria Sallum. Bauru: Edusc, 2002. 362p. (Coleção Ciências Sociais). O evento acontecerá na sala 1G119 do Instituto Humanitas Unisinos.

O livro a ser apresentado pelo professor Solon foi por ele comentado na editoria Sala de Leitura de **IHU On-Line** na edição número 58, de 5 de maio de 2003. A obra também teve destaque na editoria Livro da Semana da 65ª edição, de 23 de junho de 2003.

O professor Solon é graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é mestre em História pela Unisinos, com dissertação intitulada *Educação no extremo-sul: 1889-1928. Construindo a sociedade da ordem, definindo os espaços de hegemonia e atualmente cursa Doutorado em Ciências Sociais Aplicadas também na Unisinos. Organizou algumas obras, sendo a mais recente **Direitos Humanos - Alternativas de Justiça Social na América Latina**. São Leopoldo: Unisinos, 2002. Ivete Leocádia Manetzeder Keil e Paulo Peixoto de Albuquerque são co-organizadores deste livro. Confira, a seguir, a entrevista concedida pelo professor ao **IHU On-Line**.*

**IHU On-Line- Qual é a principal contribuição do autor Eder Klaus para a política e a compreensão da sociedade em geral?**

**Solon Viola-** A principal contribuição do autor é a aproximação de três conceitos clássicos da sociologia, os conceitos de classes sociais, movimento social e ações culturais. Eder realiza um profundo caminho de reconstituição desses conceitos e procura entendê-los como componentes indispensáveis de participação política na sociedade atual. Os avanços que o autor faz na classificação da tipologia dos movimentos sociais, atribuindo-lhes dimensões políticas, éticas, transitórias ou permanentes, são muito importantes.

**IHU On-Line- Qual é a novidade que traz a obra *A nova política de classes*?**

**Solon Viola-** Não entendo como uma "novidade" no sentido jornalístico de algo novo, mas como uma contribuição significativa para as formulações teóricas das ciências sociais à aproximação feita pelo autor entre o conceito de cultura e o de classe social, de modo a revisar ambos, tornando-os complementares.

**IHU On-Line-- Em que aspectos a obra se tornou polêmica?**

**Solon Viola-** Especialmente na revisão que faz de classe social como uma manifestação cultural mais do que econômica e no que aí decorre como ação política de transformação ou manutenção dos diferentes modelos sociais.

**IHU On-Line- De que forma *A nova política de classes* pode iluminar para compreender a situação política atual de nosso país?**

**Solon Viola-** Na releitura que faz sobre movimento social e na forma que os classifica como modo de organização da sociedade em defesa da vida e contra as múltiplas formas de injustiça.

## Encontro de Ética para alunos

O tema do próximo **Encontro de Ética para alunos** será *É possível ser ético hoje? Como?* O Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz estará na sala 1G119 do IHU hoje, dia 17 de maio de 2004, das 17h30min às 19h, conduzindo esse debate. O evento é gratuito e aberto a toda a comunidade acadêmica.

## Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault

Amanhã, 18 de maio, é dia de mais um encontro do evento **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**. O tema será *O laboratório de Foucault: decifrar, ordenar e explicar*. Estará à frente do debate a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Tiburi, do PPG em Filosofia da Unisinos. O evento acontece das 14h às 17h, na sala 1G119 do IHU. Márcia Tiburi é mestre em Filosofia pela PUCRS e doutora em Filosofia pela UFRGS, com tese intitulada *Dialética negativa: superação negativa e a transformação da Filosofia em Theodor W. Adorno*. Além da graduação em Filosofia, Márcia também é graduada em Artes Plásticas. A professora é autora do livro **Crítica da Razão e Mimesis no pensamento de Th. W. Adorno**. Porto Alegre: EDPUCRS, 1995. Márcia Tiburi apresentou o **IHU Idéias** de 18 de setembro de 2003, com o tema *Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz*, sobre o qual ela concedeu uma entrevista na 75.<sup>a</sup> edição do **IHU On-Line**. A professora também foi responsável pela apresentação do livro **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I**, de Giorgio Agamben, no evento **Abrindo o Livro**, de 29 de outubro de 2003, sobre o qual ela concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na 82.<sup>a</sup> edição, de 3 de novembro de 2003.

Transcrevemos, a seguir, a entrevista que realizamos por e-mail com Márcia Tiburi sobre o tema que conduzirá na tarde de amanhã, durante o **Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault**.

**IHU On-Line - Quais os aspectos mais importantes que vai desenvolver na apresentação de O Laboratório de Foucault: decifrar, ordenar e explicar?**

**Márcia Tiburi** - Esses são temas abordados no livro *As palavras e as coisas*, de 1966. Vou traçar uma comparação entre esse livro e a *História da loucura*<sup>13</sup> de 1961. Em *As palavras e as coisas*, como nos diz o próprio Foucault, trata-se de um estudo do “Mesmo”, enquanto em *A história da Loucura*, de um estudo do “Outro”. Ambos os livros pertencem à chamada arqueologia de Foucault. Tentarei, em minha abordagem, fazer uma exposição filosófica dessas duas obras, procurando mostrar como se complementam no projeto foucaultiano da arqueologia, que procura estabelecer “como” os saberes se constituem. A arqueologia antecede a proposta da Genealogia que procura estabelecer o “porquê”, ou explicar em que condições surgem os saberes. Foucault trata o “saber” como uma construção social, uma invenção, na qual o livro *d’As Palavras* é importante por discutir também a invenção moderna do homem como objeto de saber. A arqueologia é um tipo de história – não tradicional - que procura compreender o funcionamento da própria ordem que permite a constituição da história. Penso que a arqueologia ensaia a genealogia como sua consequência inevitável, mas possui como característica fundamental a investigação dos nossos processos de pensamento e ordenação como históricos. Desvendar a história é desvendar o conceito que nela subjaz. A arqueologia

<sup>13</sup> Este livro foi apresentado pela profa. Dra. Ivete Keil no evento *Abrindo o Livro* no dia 16 de março de 2004. (Nota do **IHU On-Line**).

quer traçar um quadro dos sistemas de pensamento, das modalidades de ordenação do real e do imaginário que compuseram a cultura.

**IHU On-Line - Que significado o autor dá a esses três termos: decifrar, ordenar, explicar?**

**Márcia Tiburi** - Na verdade, em *As palavras e as Coisas*, encontramos muitas questões: nomear, falar, pensar, identidades, similitudes, analogias e várias outras. A primeira parte inicia com *A prosa do mundo* e segue em quatro momentos: representar, falar, classificar e trocar. Foucault analisa e mostra como tais “sistemas” são utilizados na idade clássica. Para ele se trata de saber como se construiu o saber na cultura ocidental, quais as estratégias do pensamento para forjar o quadro dos saberes. Nessa primeira parte, ele expõe uma “festa” da representação, seus modos e conseqüências. Na segunda parte, falará d’Os *Limites da Representação*. Tratará do trabalho e, no fim, discutirá a grande questão das ciências humanas, dando um especial espaço à antropologia, à história, à psicanálise. O livro inteiro tenta desvendar o modo como seres humanos ao longo da história moderna desenvolveram “semelhanças” entre as coisas e eles mesmos, como a linguagem deu estrutura a esse sistema.

**IHU On-Line - Quais foram os enigmas, ou perguntas que Foucault levantou e não conseguiu decifrar, nem ordenar, nem explicar?**

**Márcia Tiburi** - Foucault continuou seu trabalho nos textos posteriores até 1984. Sua novidade foi ousar pensar o mundo como uma invenção. Sua pesquisa seria pelo próprio objeto que a animava, infinita. Por isso, ele precisou dar continuidade ao seu projeto de investigação como genealogia, ou seja, quando o caráter reflexivo do processo da pesquisa se exige como conseqüência da atenção que se deu ao objeto.

**IHU On-Line - A 20 anos de sua morte, quais os conceitos do autor que mais ajudam a compreender a sociedade contemporânea?**

**Márcia Tiburi** - A atualidade do conceito de poder e conhecimento. Em Foucault, como em muitos pensadores que ele investigou, a relação entre saber e poder é direta. O conceito de Poder de Foucault não se reduz ao poder como dominação, nem ao poder do Estado. Poder é a trama das relações entre as coisas. Ele está no modo como estabelecemos a linguagem, a cultura, a sociedade. Ao mesmo tempo, o poder não é universal: desvendar os mecanismos e dispositivos do poder não é explicar a sociedade como um todo, pois o poder não é uma substância que rege o mundo, mas um modo de relação entre “palavras” e “coisas”. Foucault é um pensador atual, no sentido de ser relevante no presente, principalmente por produzir por meio da análise da compartimentação do saber uma modalidade de saber que faz refletir sobre o uso e significado das ciências humanas.

## ATENÇÃO

A última etapa do *Ciclo de Estudos sobre Michel Foucault* está prevista para o dia 24 de junho. Renato Janine Ribeiro, professor convidado para proferir a conferência "Foucault e a arqueologia da sociedade contemporânea" cancelou a sua participação neste evento. A mesma conferência, no entanto, será proferida, no mesmo dia e horário, pelo prof. Dr. Oswaldo Giacoia, professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, em São Paulo. Giacoia é mestre, doutor e pós-doutor em Filosofia.

## Ciclo de Estudos sobre o Brasil

O livro **Os donos do poder**, de Raymundo Faoro, será o objeto de estudo da próxima edição do evento **Ciclo de Estudos sobre o Brasil**, que acontecerá dia 20 de maio de 2004, das 14h às 17h, na sala 1G119 do IHU. A Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helga Landgraf Piccolo, professora aposentada da UFRGS, será a responsável pela condução do debate. Doutora em História Social pela USP, Helga Piccolo foi professora do Curso de História da Unisinos de 1965 a 1987. Sobre essa experiência, concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line** na 97<sup>a</sup> edição, de 19 de abril de 2004. É autora do livro **Vida política no século 19. Da descolonização ao movimento republicano**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991. A professora Helga recebeu a redação do **IHU On-Line** em sua casa na última semana e fez considerações sobre como será sua apresentação da obra de Faoro, conforme entrevista a seguir.

Sobre Raymundo Faoro o **IHU On-Line** dedicou a matéria de capa da edição n.º 64, de 16 de junho de 2003, publicando depoimentos sobre o autor, escritos pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliane Fleck, pelo Prof. Dr. José Luiz Ferreira Prunes, por Fernando Bastos de Ávila e Miguel Baldez, uma entrevista com o historiador e jornalista recentemente falecido Décio Freitas, e outra entrevista com João Pedro Stédile.

### **IHU On-Line - Qual foi a principal contribuição de Raymundo Faoro para a história política brasileira?**

**Helga Piccolo** - Uma nova abordagem. A primeira edição do livro **Os donos do poder** é de 1958, impressa pela Editora Globo, em Porto Alegre<sup>14</sup>. O livro teve uma repercussão muito grande exatamente pela abordagem diferente, fugindo à história que então era feita, que listava nomes, datas, num processo linear. O Faoro utilizou um conceito do sociólogo alemão Max Weber, que é o “estamento burocrático”. A partir desse conceito, ele procura ver a história política do Brasil das suas raízes portuguesas. Isso é o fundamental. Ele vai buscar os traços característicos da história política brasileira na história de Portugal. Vai buscar, como ele próprio diz, “as raízes portuguesas da história política do Brasil”. Para ele, o fulcro dessa história política é exatamente a existência de um estamento burocrático. Em torno dessa categoria, ele vai tecer a nossa história política até a Revolução de 1930.

### **IHU On-Line - Essa obra se constitui em um marco na historiografia brasileira?**

**Helga Piccolo** - É um marco, porque isso nunca havia sido feito. A abordagem era inovadora. Ela não ignora as referências à política de expansão de Portugal, as capitânicas hereditárias, aspectos predominantes na abordagem historiográfica de então, mas mostra que existe, nessa esfera política, um estamento burocrático, que não se confunde com classe social e que, na verdade, é o que dirige. Ele examina isso desde o período colonial.

### **IHU On-Line - Essa nova abordagem e a nova categoria foram aceitas com facilidade?**

**Helga Piccolo** - Não. Foram muito discutidas, muito criticadas. Deixou os pesquisadores perplexos, em 1958. E, vamos deixar claro, ele não era um historiador, mas um jurista. Todos os que tratam da sua obra destacam que, exatamente por ser um jurista, é que ele faz a abordagem presente no livro em questão.

### **IHU On-Line - O livro aproximou a historiografia brasileira de Weber?**

<sup>14</sup> **Os Donos do Poder**. São Paulo: Globo. 3<sup>a</sup> Edição, 2001, 913 pág. (Nota do **IHU On-Line**)

**Helga Piccolo** - Sim. Mas eu não conheço outro estudo que trabalhe como ele o conceito de estamento burocrático, nenhum outro historiador, ou sociólogo ou cientista político que faça isso. São aproveitadas algumas análises dele, mas não a questão da hegemonia do estamento burocrático. Fala-se em estamento: a sociedade era estamental, o estado português era estamental, também se fala de burocracia, mas a forma como ele utilizou a categoria do estamento burocrático é contribuição dele. Então, o que marca **Os donos do poder**, que Faoro chamou de ensaio, é exatamente o uso dessa categoria, decisiva, na sua opinião.

**IHU On-Line - Faoro pode ser considerado um weberiano?**

**Helga Piccolo** - Faoro jura que não é weberiano. Mas admite que era apaixonado por Weber, especialmente por **Economia e Sociedade**, que tinha como título original, em alemão, **Wirtschaft und Gesellschaft. Grundriss der Verstehenden Soziologie** (1922). Mas ele se afasta de Weber. E nós não vamos encontrar em Weber um estudo objetivo, acabado, bem articulado, sobre o que seja estamento burocrático. Weber fala em estamento e burocracia, mas Faoro é quem faz a junção dessas duas categorias. Diz que a análise dele tem “parentesco” – ele usa essa palavra – com a obra de Weber, mas que não é weberiana. Aliás, isto é interessante: também Sérgio Buarque de Holanda, que se aproveita muito de Max Weber, diz que não é weberiano. Fernando Henrique Cardoso, quando era marxista, ao escrever o livro clássico sobre o Rio Grande do Sul, Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional, diz claramente: “Não encontrei em Marx uma categoria de análise que servisse para a sociedade do Rio Grande do Sul”. Ele foi buscar em Weber, embora não use o “estamento burocrático” como usado por Faoro. E é interessante que Faoro publica, em 1994, um outro livro de história política do Brasil, chamado **Existe um pensamento político brasileiro?**<sup>15</sup>, e nele não trabalha com a categoria do estamento burocrático.

**IHU On-Line - O modelo de análise adotado em Os donos do poder pode ser usado para a compreensão da sociedade brasileira atual?**

**Helga Piccolo** - Faoro diz que o estamento burocrático se reorganiza e se fortalece depois da Revolução de 1930 e que o seu ponto alto seria durante o Estado Novo. Como 1964<sup>16</sup> não pode ser desvinculado do Estado Novo, isso significa que até na história recente do Brasil sua análise poderia ser aplicada. Mas eu não conheço ninguém que tenha feito isso e demonstrado que o estamento burocrático continua mandando no País, como demonstrou Faoro. Acredito que se houvesse alguém disposto a continuar na linha de análise desenvolvida por ele, aplicando-a no período pós-1930, veríamos que muitas coisas de **Os donos do poder** ainda seriam válidas, principalmente as referentes ao autoritarismo, predominante no estamento burocrático. O livro **Os donos do poder** se tornou referencial, é sempre citado, precisa ser. Foi bastante reeditado. A última edição que eu conheço é a décima primeira. Mas não houve nenhuma alteração a partir da segunda edição, que é diferente da primeira.

**IHU On-Line - Quais foram as mudanças da primeira para a segunda edição?**

**Helga Piccolo** - Como ele mesmo disse, o “espírito” foi mantido. Mas ele ampliou muito a obra, que passou a ter dois volumes. A primeira edição, publicada em Porto Alegre, tem trezentas e poucas páginas; a segunda, já publicada em São Paulo, tem mais de setecentas páginas. Ele reescreveu a obra, mas manteve a sua marca registrada, em torno do chamado estamento

<sup>15</sup> São Paulo: Ática, 1994. (Nota do **IHU On-Line**).

<sup>16</sup> Referência ao ano em que ocorreu o golpe militar e instalou-se a ditadura no País. Sobre o golpe conferir o **IHU On-Line** edições n.º 95, de 5 de abril de 2004 e 96, de 12 de abril de 2004. (Nota do **IHU On-Line**).

burocrático. Entretanto, não podemos esquecer que Faoro nunca foi um pesquisador de arquivos. Tanto na primeira como segunda edições, ele escreve a partir de leituras, usou a literatura disponível naquele momento. Também não podemos esquecer que Faoro usou muitas obras escritas em alemão, as lia no original, era um erudito. A segunda edição é de 1975, esse dado é importante. Já se passaram quase trinta anos, a história política do Brasil foi reescrita, teve outras contribuições.

#### ***IHU On-Line* - Apesar disso, a obra continua como paradigmática?**

**Helga Piccolo** - Continua. Ninguém pode ignorá-la em uma revisão bibliográfica. É uma obra importante, às vezes difícil, mas muito bem escrita. Além disso, não podemos esquecer que ele era um literato. Em Porto Alegre, na década de 1940, ele fez parte de um grupo literário chamado “Dom Quixote”. Percebe-se claramente que Faoro era um apaixonado por literatura. Todos os que analisam a sua obra chamam a atenção para um aspecto: Faoro é um machadiano, era apaixonado por Machado de Assis. O professor Francisco Iglesias, da Universidade Federal de Minas Gerais, observa que a influência de Machado de Assis está muito presente nos escritos de Faoro. Há quem diga que Faoro se valeu muito dos livros de Machado de Assis, buscando neles elementos para analisar a sociedade brasileira, naquela fase de transição do século dezenove para o século vinte, da Monarquia para a República. Aliás, ele escreveu um livro chamado *Machado de Assis – a pirâmide e o trapézio*<sup>17</sup>.

## IHU REPÓRTER

### Maria Emília de Paula Lucchese



*Maria Emília de Paula Lucchese, coordenadora do curso de Ciências Biológicas, Licenciatura e Bacharelado da Unisinos, relata, na entrevista a seguir, diversos aspectos de sua história de vida, seu fascínio pelo ambiente natural, pela docência e pela prática de um esporte que é seu sonho desde criança: o hipismo. Seu desejo é ser feliz e poder contribuir para a felicidade dos outros, ajudando a construir um mundo melhor como o fizeram seus antepassados.*

**Origens** – Nasci em São Leopoldo, em 1964. Meus pais moravam em Porto Alegre, mas eu nasci aqui. Depois vivi em Porto Alegre até os 7 anos. Voltamos para São Leopoldo e passamos a viver na mesma casa com os meus avós maternos. Meu pai e minha mãe

<sup>17</sup> *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Globo, 2001. 1ª Edição. (Nota do *IHU On-Line*).

trabalham no Grupo Editorial Sinos. Eu sou a filha mais velha e depois de mim vieram dois irmãos. O Cláudio e o Luís Roberto.

**Convívio e influência familiar** - Na nossa família, o núcleo é sólido, bem construído. Meus pais, avós e irmãos foram pessoas muito presentes em minha formação. A minha avó, que morava conosco, deu origem ao meu nome e ela tem uma história de vida muito forte, que me influenciou bastante. Mãe de sete filhos e viúva do primeiro marido – meu avô é o segundo – ela desempenhou importante papel na política de São Leopoldo. Foi a primeira prefeita mulher no País<sup>18</sup>. Minha avó fundou e lutou muito pela Fundação Cruz Vermelha, aqui de São Leopoldo, que funciona até hoje no centro da cidade, prestando atendimento a crianças carentes, enquanto os pais trabalham durante o dia. Um dos meus tios, o Cláudio de Paula, é professor na Unisinos. Ele também me influenciou muito. Ele me levava junto quando lecionava na História Natural na Antiga Sede da Universidade. Eu estava freqüentemente por lá, passeando e também assistindo a palestras. Meu irmão Cláudio criou a agência de publicidade Meta e, depois que ele faleceu, meu outro irmão Luís Roberto, que já era sócio, passou a administrar e cuidar dela até hoje. Cláudio foi uma pessoa fantástica, um grande amigo e companheiro, bem mais do que um irmão. Ele deixou uma filha, Amanda, que hoje tem três anos, e é como se fosse uma filha para mim.

**Formação** –Segui minha vocação por causa do gosto pela natureza e vim fazer Biologia na Unisinos. A escolha também teve uma certa influência do meu tio Cláudio, que é da área. Desde o início do curso, atuei em praticamente todas as áreas da Biologia, o que me ajudou muito. Quem me introduziu na pesquisa e teve grande influência na minha formação foi a professora Elena Diehl. Formei-me em 1989 e fui fazer mestrado em Genética e Biologia Molecular na UFRGS. Enquanto eu estava lá, continuei vinculada por certo tempo com a Unisinos, através de bolsa de pesquisa.

**Profissão** - Eu ajudei no início da Meta, a agência de publicidade que meu irmão criou, e trabalhei lá durante um tempo. Foi uma experiência fascinante trabalhar na área da criação e redação publicitária. É completamente diferente da seriedade da vida acadêmica. Apesar da pressão em função dos prazos, o trabalho é também muito divertido e criativo. Depois que concluí o mestrado, me inscrevi na seleção de professores que a Unisinos abriu e iniciei como professora da Biologia e da Psicologia, em 1996. A atividade de ensinar traz uma gratificação e realização que não se pode explicar com palavras. Os momentos difíceis fazem parte, mas o reconhecimento e muitos dos resultados obtidos fazem da profissão uma coisa quase mágica. O professor muitas vezes não tem final de semana. As horas em sala de aula são apenas o produto final do trabalho de preparação. Ser professor não é apenas passar o conteúdo. É trabalhar questões éticas, políticas, sociais através da postura em sala de aula, contribuindo para a formação profissional e do indivíduo como um todo. Desde 2000, sou coordenadora executiva do curso de Biologia da Unisinos, nas habilitações de Licenciatura e Bacharelado. A partir de então, descobri uma nova forma de fazer algo mais por esses futuros biólogos. Nosso trabalho é de equipe e contamos com a participação sempre ativa dos professores e alunos do curso.

---

<sup>18</sup> Maria Emília de Paula assumiu a Prefeitura Municipal de São Leopoldo em 1959, depois de dois mandatos como vereadora e na condição de presidente da Câmara de Vereadores.

**Hipismo** – Faz 3 anos que pratico hipismo na Hípica do Vale, em Lomba Grande. Entre outras vitórias em competições, já sou campeã brasileira por equipe e vice-campeã gaúcha. Já salto 1, 10 m. Esse era um sonho que eu tinha desde criança. Este ano, pretendo novamente participar dos campeonatos brasileiro e gaúcho. Sendo um esporte muito técnico exige esforço físico, coordenação motora, concentração e dedicação. Quem apenas olha muitas vezes não percebe o quanto saltar com o cavalo pode ser difícil. Em cada competição temos uma pista composta por aproximadamente 12 obstáculos, que requerem que você defina a distância correta para o animal saltar, velocidade e impulsão. O cavalo é um animal bastante forte e empresta uma sensação de liberdade que é da essência dele, apesar de ser domesticado e aceitar ordens.. Comparo o hipismo com situações da vida. Trabalhamos com dedicação e treinamos por muito tempo, procurando obter os melhores resultados em uma prova que dura poucos segundos. Assim como algumas vezes tudo dá certo em outras vezes você falha ao se comunicar com o cavalo, ou o animal pode errar, ou por puro azar as coisas simplesmente não dão certo. Hoje tenho uma égua da raça brasileira de hipismo que se chama Blue Berry.

**Autores** – José Saramago, Richard Dawkins, Roger Penrose, Fritjof Capra, Lia Luft e Machado de Assis.

**Filme** – Lembro que minha adolescência foi marcada pelo filme *Hair*, de Milos Forman, que falou sobre a opressão vivida por jovens americanos, revolucionários em sua época por usarem cabelos compridos e por diversas outras atitudes. Ele marcou pela tentativa de liberdade, de fugir da opressão. Como vários outros filmes me marcaram ao longo da vida, fica muito difícil citar apenas uns poucos.

**Presente** – Um cavalo, ou uma égua, para não dizerem que sou exigente.... Um bom livro é um presente que adoraria ganhar.

**Nas horas livres** – Praticar hipismo, ler e viajar.

**Um sonho** – Acho mais importante que um sonho, dar continuidade à realização dos meus sonhos e conseguir, no mundo de hoje, ser uma pessoa bem resolvida. É complicado pegar o carro de manhã, passar na sinaleira e ver que há crianças ali que não vão para a escola, que estão pedindo esmola. Sabemos que o futuro delas está comprometido em boa parte. Isso sem falar nas questões ambientais, o nosso planeta precisando de tanto cuidado, mais responsabilidade e maior comprometimento. Viver nesse contexto é difícil, mas tenho o sonho de poder encontrar nesse espaço a motivação necessária para fazer a minha parte. Mas para isso é preciso de uma serenidade que vem de dentro, para que se possa com pequenas ações contribuir de alguma maneira para a construção de uma realidade melhor. Outras pessoas conseguiram antes de nós, então também podemos.

**Unisinos** – A Unisinos faz parte da minha vida desde muito cedo. Atualmente estamos num momento de transformação. Isso gera inquietações, é claro, mas já sabíamos desde o ano passado que 2004 seria um ano de mudanças. O desafio está lançado, mas para isto temos um corpo docente com profissionais diferenciados e altamente capacitados para executar as novas propostas. A Unisinos é vista lá fora como uma instituição sólida, não apenas pela infraestrutura mas igualmente pela qualidade do ensino. É uma Universidade que investe em pesquisa e isto também faz a diferença. Aqui não só se transmite conhecimento; se constrói conhecimento em conjunto. Essa é a diferença.



IHU – Em função das atividades que tenho, conheço apenas o *IHU On-Line*. O papel do boletim é muito importante. Há professores e colegas que conhecemos através dele. É bacana conhecer o outro lado das pessoas com quem convivemos. Juntar vários artigos e entrevistas sobre um mesmo tema é muito facilitador para quem lê, por fornecer uma compreensão ampla dos assuntos. Sem isso, acabamos ficando muito na área específica.

## Sala de Leitura



“Estou lendo ***Ethos Mundial - um consenso mínimo entre os humanos***, de Leonardo Boff. Brasília: Letraviva, 2000, 165 páginas. A partir da reflexão sobre as crises que assolam a humanidade - a crise social, que se traduz na pauperização crescente de grande parte da humanidade; a crise do sistema de trabalho, que se torna cada vez mais excludente; e a crise ecológica, que ameaça o planeta em sua sobrevivência -, Boff discute a urgência de um ética mundial que, em tempos de globalização, se configure em uma nova sensibilidade e um novo ethos. Os imperativos mínimos dessa ética são definidos com base em uma ética do cuidado, da solidariedade, da responsabilidade, do diálogo, da compaixão e da libertação. Esse novo ethos está aberto para as expressões morais de diferentes culturas, identificando, em seu cerne, a intenção originária de "viver feliz" e "bem conviver". O pacto que emerge dessa ética será viabilizado não por uma razão abstrata, mas por iniciativas morais concretas próprias de cada cultura, fundadas na "sensibilidade humanitária e inteligência emocional". O livro anuncia a possibilidade de o homem transformar-se, recriando a vida e assumindo o seu destino histórico”.

*Prof.ª Dr.ª Maria Augusta Salin Gonçalves, graduada em Filosofia, mestre em Metodologia do Ensino, doutora e pós-doutora em Educação e professora do PPG em Educação da Unisinos.*



“Estou lendo dois livros no momento: ***Vida Dura***, de Claudia Tajés (São Paulo: Planeta, 2003, 200 páginas), e ***Magia dos Shoppings***, de Paco Underhill (Rio de Janeiro: Campus, 2004, 253 páginas). O primeiro é um romance, muito bem-humorado, sobre um desempregado que busca a sobrevivência, doando seu sêmen. Com uma narrativa simples, Tajés apresenta o cotidiano da periferia de Porto Alegre com doses de fantasia e realismo. Trata-se de uma leitura leve e muito agradável. ***Magia dos Shoppings*** é um relato sobre o que esses empreendimentos usam para atrair e seduzir consumidores e o público em geral. A partir de estudos etnográficos, calcados na observação do comportamento do consumidor, Underhill dissecou as estratégias empregadas pelos *shoppings* e as reações do consumidor com uma linguagem direta e sem os jargões típicos da área de negócios”.

*Prof. Dr. Filipe Campelo, graduado, mestre e doutor em Administração e professor nas Ciências Econômicas da Unisinos.*

## Cartas do leitor

Caros amigos,

Esta mensagem é para parabenizar pelo informativo n.º 100. Cada vez mais, o informativo contribui para o avanço de nossos conhecimentos. Sinto-me um privilegiado de poder receber estas informações.

*Gilson Carvalho de Lemos*

Parabéns pela edição número 100. Até agora só pude ler a entrevista com o Serge Latouche (O desenvolvimento é insustentável). Mas só isso já valeu para mim, embora ainda vou ler o resto da edição, porque sei que também vou aproveitar muito. Obrigado porque o Instituto Humanitas edita o **IHU On-Line**. Cada vez mais é fonte de informação obrigatória para mim.

Abraço,

*Sergio Mariani*

### **EXPEDIENTE:**

*IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@bage.unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: [ihuinfo@poa.unisinos.br](mailto:ihuinfo@poa.unisinos.br). Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: [humanitas@poa.unisinos.br](mailto:humanitas@poa.unisinos.br). Ramais: 1173 e 1195.*



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS